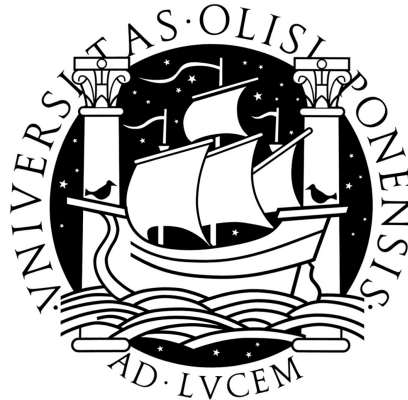


UNIVERSIDADE DE LISBOA

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO**



**O SENTIDO DE COMUNIDADE, O SUPORTE SOCIAL
PERCEBIDO E A SATISFAÇÃO COM A VIDA**

Ana Catarina da Conceição Gago Gonçalves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

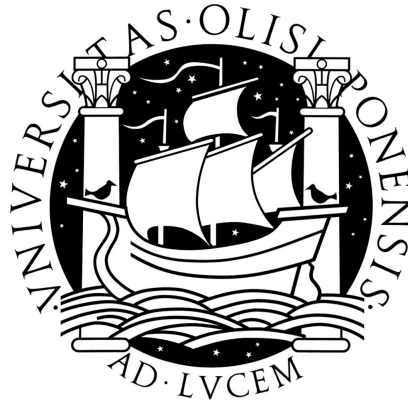
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2009

UNIVERSIDADE DE LISBOA

**FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO**



**O SENTIDO DE COMUNIDADE, O SUPORTE SOCIAL
PERCEBIDO E A SATISFAÇÃO COM A VIDA**

Ana Catarina da Conceição Gago Gonçalves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/

Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Wolfgang Rüdiger Lind e

pelo Prof. Doutor João Manuel Moreira

2009

Resumo

Os conceitos de Sentido de Comunidade, Percepção de Suporte Social e Satisfação Com a Vida desempenham um papel importante na Psicologia Comunitária, uma vez que são instrumentos fundamentais para a nossa compreensão do ser humano e da sua comunidade. Vários estudos já afirmaram ter encontrado ligações entre estes e variáveis como o envolvimento com a comunidade e a dimensão da comunidade. No entanto, a relação entre o Sentido de Comunidade e Satisfação com a Vida, juntamente com o potencial papel do suporte social percebido, tem sido, até agora, muito pouco clara. Aqui apresentamos um estudo que visa desvendar essa relação, com base numa amostra da população portuguesa. De facto, descobriu-se que o Sentido de Comunidade e a Satisfação Com a Vida estão positivamente relacionados, e que o Apoio Social Percebido é mediador de tal relação. Os nossos resultados mostram também que, de entre muitas relações fracas entre as variáveis sócio-demográficas e os conceitos-chave deste estudo, o nível profissional é claramente aquele que está mais fortemente relacionada com a Satisfação Com a Vida.

Palavras-chave: Sentido de Comunidade, Apoio Social Percebido, Satisfação Com a Vida, efeito mediador.

Abstract

The concepts of Sense of Community, Perceived Social Support and Life Satisfaction play an important role in Community Psychology, given that they are fundamental tools for our understanding of the human being and its community. Several studies have now claimed to have found connections between these and fundamental variables such as the community involvement and community size. However, the relation between Sense of Community and Life Satisfaction, together with any potential role of Perceived Social Support, has been, so far, very unclear. Here we present a study which aims to unveil such relation, based on a sample of the portuguese population. Indeed, we found that Sense of Community and Life Satisfaction are positively related, and that Perceived Social Support is a mediator in such relation. Moreover, our results show that, among many weak relations between socio-demographic variables and the key concepts of this study, professional level is clearly the one that is most strongly related to the Life Satisfaction.

Key-words: Sense of Community, Perceived Social Support, Life Satisfaction, mediation effect.

Agradecimentos

Gostava de agradecer ao meu orientador Prof. Doutor Wolfgang Lind pela disponibilidade que revelou, apoio, interesse pelo meu trabalho e preocupação pelo meu desenvolvimento profissional.

Agradeço também ao Prof. Doutor João Moreira que também orientou a minha tese e me guiou e apaziguou em momentos de maior aflição, com o seu conhecimento e simpatia.

Aos meus pais, pois sem eles teria sido muito difícil fazer este percurso.

Ao meu irmão, por ser compreensivo, nas diversas alturas em que não me revelei muito disponível.

À minha amiga Diana Arruda, pelo incansável apoio, com palavras e acções. Sem ti teria sido um trabalho bem mais solitário.

À Daniela Anéis, por me apoiar e pelas palavras amigas e à Catarina Semblano pelos momentos de partilha.

Ao David Sobral, meu amor, por estar presente em alturas difíceis, pela compreensão, e disponibilidade para me apoiar.

A todos os que me ajudaram directa ou indirectamente a chegar aqui,
o meu
Muito muito obrigada!

Índice

Introdução

1. Enquadramento Conceptual.....	2
1.1. Variáveis em estudo.....	2
1.2. Sentido de Comunidade.....	2
1.2.1 O Sentido Psicológico de Comunidade.....	2
1.2.2. Definição de comunidade.....	2
1.2.3. O conceito Sentido de Comunidade.....	3
1.2.4. O Modelo de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986).....	4
1.2.5. Relacionando o Sentido de Comunidade com variáveis sócio-demográficas...5	
1.3. Apoio Social Percebido.....	7
1.3.1. O Suporte Social.....	7
1.3.2. O conceito Apoio Social Percebido.....	7
1.3.3. O Modelo de “provisões sociais” de Weiss (1987).....	8
1.3.4. Relacionando o Apoio Social Percebido com variáveis sócio-demográficas.10	
1.4. Satisfação Com a Vida.....	11
1.4.1. O Bem-estar subjectivo.....	11
1.4.2. O conceito de Satisfação Com a Vida.....	12
1.4.3. O processo dinâmico da Satisfação Com a Vida.....	13
1.4.4. Relacionando a Satisfação Com a Vida com variáveis sócio-demográficas...14	
1.5. Encontros de variáveis em diversos estudos.....	14
2. Processo Metodológico.....	17
2.1. Objectivos da investigação	17
2.2. Questões de investigação.....	18
2.3. Estratégia Metodológica.....	18
2.3.1. Selecção da amostra.....	18
2.3.2. Caracterização da amostra.....	19

2.3.3. Instrumentos utilizados.....	21
2.4. Procedimento na recolha e tratamento de dados.....	25
3. Resultados.....	25
3.1. Correlações entre as sub-escalas da EBSC, EPS e a ESCV	26
3.2. Ajustamento ao modelo teórico proposto.....	27
3.3. Médias, Desvios-padrão, Máximo e Mínimos das Escalas.....	28
3.4. Relações entre as variáveis demográficas e as variáveis principais.....	29
3.4.1. Relações entre variáveis sócio-demográficas e o Sentido de Comunidade...29	
3.4.2. Relações entre variáveis sócio-demográficas e o Apoio Social Percebido....33	
3.4.3. Relações entre as variáveis sócio-demográficas e a Satisfação Com a Vida.36	
4. Discussão.....	38
4.1. Limitações deste estudo.....	41
5. Conclusão.....	43
6. Bibliografia.....	45
Anexo I. Termo de Consentimento Informado	
Anexo II. Questionário sócio-demográfico	
Anexo III. Esclarecimento sobre o estudo	

Índice de Figuras

Figura 1. Escolaridade.....	1
Figura 2. Modelo de equações estruturais a três factores.....	27

Índice de Quadros

Quadro 1. Grupo Profissional.....	20
Quadro 2. Precisão por alfa de Cronbach da BSCS e EBSC.....	22
Quadro 3. Correlação item-total corrigida da EBSC.....	23
Quadro 4. Precisão por alfa de Cronbach da EPS.....	24
Quadro 5. Correlações entre EBSC, EPS, sub-escalas e ESCV.....	26
Quadro 6. EBSC, EPS, respectivas sub-escalas e ESCV: médias e desvios-padrão...28	
Quadro 7. Resultados dos testes de significâncias referentes a comparações de médias sobre as variáveis sócio-demográficas para a EBSC e sub-escalas, através de <i>t-Student</i> e ANOVAs a um factor (valores <i>t</i> e <i>F</i>).....	29
Quadro 8. Médias e desvios-padrão de algumas variáveis sócio-demográficas considerando a EBSC e as suas sub-escalas.....	30
Quadro 9. Correlações de Pearson entre EBSC e as variáveis sócio-demográficas...32	
Quadro 10. Resultados dos testes de significâncias referentes a comparações de médias sobre as variáveis sócio-demográficas para a EPS e sub-escalas, através de <i>t-Student</i> e ANOVAs.....	33
Quadro 11. Médias e desvios-padrão de algumas variáveis sócio-demográficas considerando a EBSC e as suas sub-escalas.....	34
Quadro 12. Correlações de Pearson da EPS com as variáveis sócio-demográficas....35	
Quadro 13. Resultados dos testes de significâncias referentes a comparações de médias sobre as variáveis sócio-demográficas relativamente à ESCV, através de <i>t-Student</i> e ANOVAs a um factor (valores <i>t</i> e <i>F</i>).....	36
Quadro 14. Correlações de Pearson entre ESCV e variáveis sócio-demográficas.....	37

*Parece que o ser humano é (in)satisfeito,
vive em bairros, comunidades
revê-se e cresce em relações.
Nós de relações.*

Introdução

McMillan e Chavis (1986) salientam o relevo da pertença, influência, existência de uma ligação emocional e satisfação de necessidades no sentimento que indivíduo tem face à sua comunidade. Este Sentido de Comunidade¹, permite a existência de um bem-estar individual, por reduzir a probabilidade de isolamento, alienação, solidão, e depressão (Davidson & Cotter, 1991). Deste modo, este sentido, por contribuir para uma qualidade de vida subjectivamente percebida, encoraja um maior sentido de identidade e maior auto-confiança, facilitando as relações sociais e opondo-se ao anonimato e à solidão (Prezza & Costantini, 1998).

O Sentido de Comunidade não é necessariamente alicerçado na experiência actual este poderá considerar a percepção de que cada indivíduo é parte de um “bem comum” que será acessível caso surja a necessidade (Pretty et al. 1996). Neste sentido, estudar o Sentido de Comunidade e a percepção que o indivíduo tem sobre o apoio social pode contribuir de uma forma única para a compreensão de parâmetros como a Satisfação Com a Vida.

O estudo que se segue procurou compreender possíveis relações entre o Sentido de Comunidade, o Apoio Social Percebido, a Satisfação Com a Vida, e a área de residência ou comunidade local numa amostra de adultos portugueses.

¹ Neste trabalho as expressões sentido e sentimento de comunidade serão considerados sinónimos.

1. Enquadramento Conceptual

O enquadramento teórico que se segue procura enquadrar e salientar a literatura pertinente para os conceitos: Sentido de Comunidade, Apoio Social Percebido e Satisfação Com a Vida.

1.1. Variáveis em estudo

Seguidamente explicitar-se-á em que consistem cada uma das variáveis em análise e estudos portugueses que com estas se relacionam, visto a população em estudo ser portuguesa.

1.2. Sentido de Comunidade

1.2.1 O Sentido Psicológico de Comunidade

O Sentido Psicológico de Comunidade, segundo Seymour Sarason (1974), deveria candidatar-se ao lugar da definição de Psicologia Comunitária, devido ao seu valor (citado por Hill, 1996). Sarason (1974) definiu o sentido psicológico de comunidade como: “a percepção da semelhança que se tem para com os outros, o reconhecimento da interdependência com outros, a predisposição para a manutenção dessa independência através da doação ou realização do que os outros esperam e o sentimento de que se faz parte de uma estrutura estável superior e da qual se pode depender” (p. 396, cit. por Royal & Rossi, 1996). A força deste conceito permitiu que o seu nome fosse associado a uma das seis linhas da origem do movimento comunitário: a perspectiva psicológica (Vidal, 1991). Este conceito tem por isso assumido uma grande importância na Psicologia Comunitária nos últimos anos, não só a nível teórico como prático (Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001).

1.2.2. Definição de comunidade

O conceito de comunidade tem sido um conceito difícil de definir nas ciências sociais (Mannarini & Fedi, 2009). Numa tentativa de definição deste conceito Gusfield (1975; citado por Obst, Smith & Zinkiewicz, 2002) referiu dois termos possíveis de comunidade: a

territorial/geográfica, referindo-se a estruturas sociais definidas pela área (e.g., região) e uma outra relacional reportando para o carácter das relações humanas. Na realidade estes conceitos estão intimamente ligados, revelando-se difícil alcançar uma definição não ambígua. Contudo existe um consenso bem estabelecido, entre os cientistas sociais, sobre a natureza da estrutura social da comunidade decorrente da interação social e da negociação (Mannarini & Fedi, 2009). Estas características podem explicar o fenómeno da pertença múltipla, isto é, a possibilidade dos indivíduos identificarem-se como membros de diferentes comunidades sendo que cada uma destas satisfaz determinadas necessidades, mesmo que sejam contraditórias (e.g., pertencer à associação de pais e ser professor). Os problemas levantados pelo uso da noção de comunidade aumentam ainda mais se o fosso entre o significado académico e o leigo não for levado em consideração (Mannarini & Fedi, 2009). Neste sentido, tal como Puddifoot (1996) afirmou, as pessoas geralmente pensam em comunidade de uma forma pessoal esta é a noção adoptada neste estudo.

1.2.3. O conceito Sentido de Comunidade

Sarason (1974; p. 212, citado por, Mannarini & Fedi, 2009) definiu este conceito como “o sentido de que se é parte de uma rede de relações funcionando como suporte mútuo e acessível”. Este autor realça que as pessoas precisam de se sentir membros da comunidade e que as mudanças sociais que favoreçam este sentimento aumentam e promovem o bem-estar individual e a qualidade de vida social (Mannarini & Fedi, 2009). Desde a introdução deste conceito, vários investigadores têm debatido e elaborado teorias sobre as dimensões que envolvem este conceito. Este debate levou ao desenvolvimento de diferentes escalas, cada uma com propostas distintas para a definição das dimensões (Obst, Smith & Zinkiewicz, 2002).

Contudo, muitos autores afirmam que uma das poucas teorias integrativas e a que fornece o melhor alicerce à compreensão da comunidade é a teoria de McMillan e Chavis (1986; Obst, Smith & Zinkiewicz, 2002). O modelo proposto por estes autores teve grande influência na construção de instrumentos por ser amplo e abarcar a conceptualização territorial e geográfica de comunidade (Chipuer & Pretty, 1999). Deste modo, adoptou-se o modelo McMillan e Chavis (1986) neste estudo.

1.2.4. O Modelo de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986)

No modelo proposto por McMillan e Chavis (1986) o Sentido de Comunidade é composto por quatro dimensões: Pertença (*Membership*), Influência (*Influence*), Ligação Emocional (*Shared Emotional Connection*), e Integração e Satisfação de Necessidades (*Integration and Fulfillment of Needs*).

A *Pertença* refere-se ao “sentimento oriundo do investimento de um sujeito para se tornar membro de uma comunidade, levando-o ao direito de pertença” (p. 4, McMillan & Chavis, 1986). A pertença apela para a qualidade de membro, associada ao estabelecimento de fronteiras (separando membros dos não membros; McMillan & Chavis, 1986). As fronteiras promovem nos membros uma sensação necessária de segurança, onde sentimentos e necessidades se possam expor e onde se desenvolve intimidade (Bean, 1971; Ehrlich & Graeven, 1971; Wood, 1971, citados por McMillan & Chavis, 1986). Em suma, McMillan e Chavis (1986) concluem que esta dimensão possui cinco atributos: fronteiras, segurança emocional, sentimento de pertença e identificação, investimento pessoal e um sistema simbolico comum (e.g., nome do bairro; McMillan & Chavis, 1986).

A *Influência* é um conceito bi-direcional. Numa direcção está a noção de que para se sentir atraído por um grupo é necessário ter alguma influência sobre o grupo e por outro lado, a coesão é contingente da capacidade que o grupo tem em influenciar os seus membros (McMillan & Chavis, 1986). Neste sentido, existem forças para um conformismo para com a comunidade e para um individualismo (McMillan & Chavis, 1986). Estas valências podem oscilar, ser concorrentes ou até actuarem de forma simultânea caso se trate de uma comunidade pequena e unida.

A *Ligação Emocional* refere-se ao laço emocional que pode ser fortalecido caso haja maior interacção entre elementos (e.g., maior número de reuniões), ocorram acontecimentos positivos e importantes para o grupo, haja um investimento significativo no grupo, reconhecimento de valor sobre algo/alguém e ligação espiritual (McMillan & Chavis, 1986). No estudo de Prezza et al. (2001), afirma-se também que esta dimensão pode ser acedida através do envolvimento em actividades organizadas ou de grupos (e.g., vizinhos, trabalho, desportos em grupo, grupos de igreja) através da quantidade e qualidade das relações sociais com os membros da comunidade.

A *Integração e Satisfação de Necessidades* pode ser traduzida como reforço ou motivador de comportamento, alicia o indivíduo a permanecer num grupo por existir um

benefício (McMillan e Chavis, 1986). A literatura refere que as pessoas se sentem atraídas por sujeitos cujas capacidades ou competências possam trazer-lhes diversos benefícios. Nas comunidades onde se verifica um Sentido de Comunidade encontra-se uma tentativa de “encaixar” e juntar pessoas que satisfaçam as necessidades de outros enquanto satisfazem as suas próprias necessidades (McMillan e Chavis, 1986).

Estas dimensões interagem dinamicamente para criar e manter o Sentido de Comunidade (Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009). Contudo, existem autores (e.g., Mannarini & Fedi, 2009) que, apesar de corroborarem este modelo, sugerem uma articulação diferente da dinâmica defendida por McMillan e Chavis (1986).

Neste estudo procurou-se considerar o Sentido de Comunidade e suas sub-escalas como um contínuo (positivo-neutro-negativo) considerando-se as características das comunidades em acordo com o relatado por cada indivíduo (e.g., sub-urbano, urbano, rural), procurando assemelhar-se à análise proposta de Brodsky e Marx (2001; ver Brodsky, 1996).

1.2.5. Relacionando o Sentido de Comunidade com variáveis sócio-demográficas²

Estudar o Sentido de Comunidade é importante pelo que advém das suas implicações para o planeamento e intervenção social. Neste sentido, importa perceber que estudos existem sobre a influência das características do indivíduo e da sua vida na comunidade.

A participação na comunidade foi estudada por Wandersman e Gamartino (1980). Neste estudo pretendia-se verificar que características das pessoas e dos bairros levam as pessoas a participar numa organização criada pelos moradores com o propósito de trabalhar os problemas comuns levantados por estes. Os resultados indicaram que uma percepção favorável sobre a interação com os vizinhos é importante para a participação, tanto a nível individual como comunitário. A percepção de problemas no bairro (e.g., existência de criminalidade), assim como o clima (e.g., achar que os moradores podem fazer algo) parece favorecer a participação.

No estudos de Obst, Smith e Zinkiewicz (2002) verificou-se, através de uma combinação de diversas escalas, que os residentes que têm filhos e pertencem a

² Uma vez que não se encontraram estudos que utilizassem a Brief Sense of Community (Peterson, Speer & McMillan, 2008), escala aqui utilizada na sua versão portuguesa (Marante, no prelo) com o propósito de analisar a influência de variáveis sócio-demográficas, referir-se-ão estudos de diferentes fontes sobre o Sentido de Comunidade.

organizações locais são aqueles que têm um maior Sentido de Comunidade. Por outro lado, Kasarda e Janowitz (1974) verificaram que o Sentido de Comunidade se relaciona de forma clara com o tempo de residência, dado que se encontram efeitos fortemente positivos desta variável sobre a ligação social à comunidade local, excepto para os casos onde os indivíduos participavam em actividades sociais formais (e.g., associações de pais, grupos religiosos, associações de trabalhadores). No entanto, esta excepção poderá muito bem estar relacionada com resultados de outros estudos, onde se revela que os indivíduos que participam em organizações locais já apresentam um maior Sentido de Comunidade.

Kasarda e Janowitz (1974) referem também que a classe social tem um efeito específico e limitado na ligação social. Um maior status (desde pessoas sem habilitações a profissionais com elevadas habilitações) relaciona-se com um menor número de amigos na sua comunidade e um reduzido número de familiares que habitam na área de residência. Estes autores defendem também que o status reflete a maior mobilidade dos indivíduos e a confiança em redes sociais formais ou secundárias.

Prezza e Costantini (1998) verificaram que na cidade aqueles que apresentam maior Sentido de Comunidade são indivíduos com crianças, que participavam nos grupos da comunidade e os mais velhos. Relativamente às grandes cidades os que trabalham no bairro onde vivem e têm menos habilitações literárias são os que relatam um maior Sentido de Comunidade. Nas grandes cidades verifica-se também que as mulheres e aqueles que participam nos grupos de bairro manifestam maior Sentido de Comunidade. Os resultados obtidos por Prezza e Costantini (1998) confirmam que o Sentido de Comunidade é mais elevado nos mais velhos e para as pessoas com mais oportunidade para se relacionar, presumivelmente por trabalharem na comunidade e participarem em grupos ou associações. Estes autores corroboram também que quanto maior for o nível de escolaridade, menor tenderá a ser o sentimento de pertença a uma comunidade geográfica, surgindo este dado como particularmente evidente para a zona urbana. Prezza e Costantini (1998) apresentam como justificação a existência de maior escolha e maiores oportunidades para as pessoas escolherem grupos e comunidades que se baseiam nos mesmos valores em detrimento de uma pertença territorial comum.

Os resultados de Obst, Smith e Zinkiewicz (2002) indicam que os sujeitos que vêem o seu bairro como mais do que uma rua ou quarteirão tinham maior propensão para ter um maior Sentido de Comunidade. Este resultado poderá estar relacionado com um maior sentimento de inclusão. Uma outra variável referida é o “ter crianças em idade escolar”, que

de acordo com Hedger (1992; citado por Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001) aumenta também o Sentido de Comunidade. Por último, salienta-se o estudo Prezza, Amici, Roberti e Tedeschi (2001). Neste verificou-se como preditores do Sentido de Comunidade a participação num grupo, o tempo de residência no mesmo bairro e o viver com a esposa/marido.

1.3. Apoio Social Percebido

1.3.1. O Suporte Social

Inicialmente o suporte/apoio social foi usado para designar a pessoa, a relação ou transacção (Lowenthal e Haven, 1968; citado por Veiel e Baumann, 1999). Posteriormente, utilizou-se no seu plural genérico “apoios sociais” reportando-se, por exemplo, a um conjunto de inter-trocas sociais concretas (Veiel e Baumann, 1999). Na década de 70, o suporte social insurgiu-se como transformação conceptual, passando de um termo concreto a um constructo abstracto de interacções, referindo-se a um conjunto de características inferidas ou funções das relações sociais, em vez de se focar nas relações observáveis (Veiel e Baumann, 1999). A evidente diversidade e abrangência deste conceito revelam as várias facetas e formas de expressão do fenómeno de “suporte” (Veiel & Baumann, 1999).

Usualmente o suporte social é visto sob a forma de três tipos de recursos: instrumental (provisões materiais, e.g., dinheiro), informacional (informações que se possam receber para lidar com determinadas situações, geralmente conselhos) e emocional (envolvendo expressões de empatia, confiança, propiciando momentos para a expressão emocional; Cohen, 2004). Estes diferentes tipos de suporte social foram posteriormente adoptados e re-elaborados dando origem a outras designações como Apoio Social Percebido.

1.3.2. O conceito Apoio Social Percebido

Uma das dificuldades que se levantam na interpretação na literatura científica sobre o suporte social é falta de clareza do conceito de “apoio social” (Russell, Booth, Reed & Laughlin, 1997). Vaux (1988, citado por Russell, Booth, Reed & Laughlin, 1997) refere que a melhor consideração do suporte social consiste num metaconstructo ou factor de segunda ordem. Desta forma, diversos constructos de primeira ordem poderiam ser identificados. Um importante constructo de primeira ordem são as redes sociais. Estas referem-se às

propriedades ou características das relações com os outros, tais como, a frequência de contacto social, a composição da rede (i.e., número de confidentes) e o tamanho da rede das relações (i. e., número de relações com outros; Russell, Booth, Reed & Laughlin, 1997). Um segundo factor de primeira ordem importante é o Apoio Social Percebido, que se refere à percepção do suporte disponível na rede na qual o sujeito está inserido (Russell, Booth, Reed & Laughlin, 1997). Este constructo pode ser encontrado através de instrumentos que avaliam a satisfação percebida com o suporte ou através de instrumentos que considerem diferentes tipos de suporte fornecidos pelos outros (e.g., a escala de Cutrona e Russel de 1990 que considera o suporte como multidimensional; Russell, Booth, Reed & Laughlin, 1997) .

Face a estes constructos optou-se por se considerar o Apoio Social Percebido por apresentar algumas vantagens. Estas foram mencionadas por Moreira (2002) sendo estas: a) a redução do problema de acessibilidade às interações de suporte, por se focalizar nas percepções que os participantes retêm dessas interações; b) evitar uma variação ao longo do tempo uma vez que se questiona a percepção do suporte recebido ou disponível de um modo geral; c) evitar o problema da complexidade de relações com o stress, visto que esta percepção deverá variar menos em relação às circunstâncias de vida, ou pelo menos deverá variar menos do que se fosse tomado em consideração o apoio recebido em circunstâncias específicas de vida; e d) evitar problemas de interpretação por se situar num estágio de processamento mais tardio, face às etapas de processamento envolvidas na percepção de transacções de apoio).

A escala utilizada neste estudo para o Apoio Social Percebido (versão portuguesa da escala de Curona e Russell, de 1990) segue o modelo de Weiss (1987).

1.3.3. O Modelo de “provisões sociais” de Weiss (1987)

Diversos modelos foram elaborados para a conceptualização do suporte social variando na composição dos seus elementos e conseqüente compreensão (e.g., Weiss, 1974; Cobb, 1979, Kahn, 1979, Schaefer et al., 1981, citados por Cutrona & Russell, 1987). Contudo, o modelo que abrange mais elementos das diversas conceptualizações é o proposto por Weiss tendo sido por isso o modelo adoptado neste estudo.

Robert Weiss (1974; citado por Cutrona & Russell, 1987) propôs uma concepção multidimensional do suporte social que descrevia seis diferentes funções/“provisões” que poderiam ser obtidas através da relação com os outros. Estas provisões são: Aconselhamento (*Guidance*), Aliança Fiável (*Reliable Alliance*), Vinculação (*Attachment*), Integração Social (*Social Integration*), Reafirmação de Valor (*Reassurance of Worth*) e Oportunidade de Prestação de Cuidados (*Opportunity for Nurture*).

O *Aconselhamento* é o conselho ou informação recebido de uma pessoa de confiança, permitindo por isso apoio emocional e ajuda na ponderação de situações. Este apoio é muitas vezes assegurado por uma figura de autoridade ou de maior experiência (Moreira & Canaipa, 2007).

A *Aliança Fiável* refere-se às relações fortes e seguras onde exista a sensação de disponibilidade para ajudar, independentemente das circunstâncias (Moreira & Canaipa, 2007). Este tipo de provisão é fornecido essencialmente em relações sólidas e duradouras (e.g., figuras parentais), podendo a ajuda ser a nível de recursos materiais ou em tarefas (Wellman & Wortley, 1990; citado por Moreira e Canaipa, 2007).

A *Oportunidade de Prestação de Cuidados* evoca o sentimento de sentir-se necessário para outros, estando por vezes associada ao cuidar dos filhos ou companheiros. Poder-se-ia pensar que neste caso não se estaria a receber nenhum tipo de ajuda; porém, na realidade, a investigação mostra que ajudar favorece a saúde (Cutrona & Russell, 1987).

A *Vinculação* refere-se às relações de proximidade emocional onde se consegue obter um sentimento de segurança. Nos adultos este tipo de necessidade é geralmente satisfeita nas relações de casal, familiares, ou de grande amizade (Cutrona & Russell, 1987). Os estudos sobre a vinculação nos adultos têm permitido esclarecer como o estilo de vinculação seguro pode facilitar os comportamentos de procura de apoio (Bartholomew & Horowitz, 1991), a resolução de conflitos em situações *stressantes* (Rholes, Simpson & Stevens, 1998; citados por Moreira & Canaipa, 2007) e os índices de satisfação com o apoio recebido (Levy, Blatt & Shaver, 1998).

A *Integração Social* refere-se ao sentimento de pertença a um grupo que partilhe interesses similares, preocupações e actividades recreativas (Cutrona & Russell, 1987). Estes laços podem promover conforto, segurança, prazer, e sentido de identidade (Cutrona & Russell, 1987). A *Integração Social* revela-se de forma acentuada quando ocorrem modificações nas redes e papéis sociais onde o indivíduo procura integrar-se no novo grupo

(e.g., desemprego, idades mais avançadas, doenças, viuvez, transição para a parentalidade (Moreira & Canaipa, 2007).

A *Reafirmação de Valor* permite obter reconhecimento e valorização das nossas qualidades, aquisições e competências por parte de outros (Moreira & Canaipa, 2007). A investigação que se refere ao confronto com o stress profissional tem mostrado que a reafirmação de valor, sobretudo por parte das chefias, é uma provisão social que funciona como “amortecedor” contra o stress profissional (Russell, Altmaier & Van Velzen, 1987), sobretudo por nestas situações, as crenças e a auto-estima dos indivíduos serem colocadas à prova.

Importa realçar que as diferentes formas de apoio devem ser emparelhadas com as necessidades inerentes a cada contexto (Moreira & Canaipa, 2007), não tendo por isso que actuar e existir isoladamente.

1.3.4. Relacionando o Apoio Social Percebido com variáveis sócio-demográficas

Na relação entre o Apoio Social Percebido e as variáveis sócio-demográficas encontraram-se alguns resultados referentes à versão portuguesa da escala de Cutrona e Russell (1990; Escala de Provisões Sociais de Moreira & Canaipa [2007]), adoptada neste estudo. Estes evidenciaram uma correlação não significativa entre o sexo e a idade e o Apoio Social Percebido. No que concerne a outras variáveis sócio-demográficas considerar-se-ão estudos de diferentes fontes, procurando assim obter-se uma compreensão alargada sobre a relação destas com o Apoio Social.

Os resultados encontrados por Prezza e Pacilli (2002) indicam que são as pessoas de idade, mais de 66 anos) que percebem menos suporte. Este resultado, segundo os autores, confirma que o ter-se mais idade leva a uma maior falta de relações de suporte. Contudo, os resultados deste estudo revelam que o suporte percebido face aos familiares não varia com a idade.

Verificou-se uma diferença significativa no Apoio Social Percebido entre o género e o estado civil. Nas pessoas casadas, os homens percebem maior suporte sobre uma pessoa do que as mulheres, revelando que o género masculino é favorecido no casamento. Apesar deste resultado, verificou-se que as mulheres conseguem reconstruir mais facilmente as redes de suporte social quando o casamento acaba (devido à separação ou à morte do cônjuge).

As características individuais parecem também assumir um papel de particular relevância na avaliação da disponibilidade e satisfação dos tipos de provisões sociais (Russell, Booth, Reed & Laughlin, 1997). As características da personalidade, como a extroversão e o neuroticismo, parecem influenciar o desenvolvimento da rede social do indivíduo, assim como a capacidade de manter essas relações e percepcioná-las como disponíveis. Este facto parece fazer sentido, uma vez que tenderá a haver maior facilidade nestes indivíduos para iniciarem relações, expressarem os seus sentimentos e suscitarem repostas positivas por parte dos outros (Russell, Booth, Reed & Laughlin, 1997).

1.4. Satisfação Com a Vida

1.4.1. O Bem-estar subjectivo

Em contraste com a psicologia tradicional focada nas emoções negativas como a depressão e a ansiedade, um grande número de investigadores começou a focalizar os seus esforços no espectro de emoções positivas (Pavot & Diener, 2008). Deste modo, a Psicologia Positiva foi emergindo e ganhando um espaço importante na Psicologia.

Estudos proeminentes desta vertente focam-se na experiência com a felicidade e no bem-estar subjectivo (Diener, 1984; Pavot & Diener, 2008). A definição destes conceitos tem mostrado uma grande inter-ligação entre ambos (e.g., Marcus Aurelius: “nenhum homem é feliz se não pensar que é feliz”; p. 543, Diener, 1984). Com o intuito de demarcar o bem-estar subjectivo de outros conceitos, três aspectos serão aqui explanados. Em primeiro lugar, tem se verificado uma grande tendência das sociedades a focarem-se no “individual”, a importância de diferentes visões subjectivas sobre a avaliação da vida e o reconhecimento de que o bem-estar inclui elementos positivos (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999) e não apenas a ausência de aspectos negativos. Estas noções permitem considerar a saúde, o conforto ou a riqueza como potenciais influências e não propriamente como inerentes ao bem-estar subjectivo (Diener, 1984). Segundo, o bem-estar subjectivo inclui medidas positivas, não se demarcando apenas pela ausência de factores negativos, mas como uma tentativa de complementar o entendimento que existe sobre estudos com constructos mais negativistas (e.g., depressão; Diener, 1984). Em terceiro lugar os instrumentos sobre o bem-estar subjectivo avaliam, de um modo geral, todos os aspectos na vida de uma pessoa (Diener, 1984). Diener (1984) salienta também que apesar do afecto ou da satisfação sobre um certo domínio ser realçado, aquando da utilização de medidas, o ênfase é usualmente colocado no julgamento que a pessoa faz

sobre a sua vida, não existindo *a priori* um momento melhor para se avaliar o bem-estar (Diener, 1984).

De um modo sucinto, o bem-estar subjectivo pode ser definido como multi-facetado, tendo uma componente afectiva e outra cognitiva (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999). Esta última, referente à Satisfação Com a Vida, tem sido identificada como um construto distinto (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999; Pavot & Diener 2008). Seguidamente abordar-se-á este componente com maior detalhe.

1.4.2. O conceito de Satisfação Com a Vida

A Satisfação Com a Vida define-se como uma avaliação global, por parte do indivíduo, sobre a qualidade de vida, considerando critérios escolhidos por si (Shin & Jonhson, 1978; citado por Neto, Barros & Barros, [1990]). Desta forma, componentes tidos como importantes, como ter saúde e boas relações pessoais, podem adquirir pesos diferentes consoante o indivíduo (Pavot & Diener, 1993).

A Satisfação Com a Vida, apesar de se correlacionar com a componente afectiva do bem-estar subjectivo, forma um factor separado (Pavot & Diener, 2008). Nos julgamentos previstos em escalas sobre a Satisfação Com a Vida (e.g., *Satisfaction With Life Scale* de Diener, Emmons, Larson & Griffin, 1985) verificou-se que estes são pelo menos em parte independentes de medidas afectivas (Pavot & Diener, 1993). Esta afirmação, segundo Pavot e Diener (1993), parece sustentar-se em argumentos como os que se seguem.

Em primeiro lugar, os itens referentes à Satisfação Com a Vida, parecem formar um factor unificado, correlacionando-se de forma única com variáveis preditoras da Satisfação Com a Vida (Pavot & Diener, 1993). Segundo, as reacções afectivas são geralmente respostas a factores imediatos e de curta duração enquanto que os valores de Satisfação Com a Vida podem reflectir uma perspectiva a longo prazo. Em terceiro a avaliação consciente sobre a vida pode indicar objectivos e valores em contraste com a componente afectiva que pode reflectir motivos inconscientes e influências de humor (Pavot & Diener, 1993).

A Satisfação Com a Vida parece, assim, ter uma moderada estabilidade temporal, apesar de se modificar em reacção a situações de vida.

1.4.3. O processo dinâmico da Satisfação Com a Vida

Inicialmente, a natureza da relação, Satisfação Com a Vida e o que se entende por “critério de satisfação” permanecia pouco claro (Pavot & Diener, 2008). Alguns investigadores seguiam modelos *top-down*, onde a personalidade ou o temperamento individual, assumem um papel preponderante no julgamento da Satisfação Com a Vida, sobre diversos domínios específicos da vida do indivíduo (Pavot & Diener, 2008). Outros investigadores defendiam modelos *bottom-up* encarando o julgamento, Satisfação Com a Vida, como sendo determinado por um somatório de domínios salientes e significantes da satisfação, i. e., a(s) situação(ões) induziria(m) a mudança no domínio da satisfação e consequentemente o julgamento para determinar a Satisfação Com a Vida seria diferente (Pavot & Diener, 2008).

Heller, Watson e Illies (2006) realizaram uma meta-análise para testar a viabilidade de vários modelos *top-down* e *bottom-up*. Os resultados destes autores revelaram evidências substanciais sobre as variáveis intra-individuais na Satisfação Com a Vida e na forma como estas podem se relacionar com as mudanças nos domínios de vida (e.g., satisfação marital e profissional). Contudo, Heller, Watson e Illies (2006) concluem que os factores situacionais em conjunto com o temperamento, influenciam o julgamento relativo à Satisfação Com a Vida, mencionando a necessidade de se conduzirem actividades de investigação que vão além destes modelos, devendo surgir propostas integrativas.

No entanto, o esforço de articulação entre a natureza do julgamento da Satisfação Com a Vida e este construto parece ter uma consequência pequena caso a validade e utilidade destes julgamentos não sejam comprovadas. É desta forma que Pavot e Diener (2008) questionam a relevância destes julgamentos definindo a importância de dois níveis de análise: 1) o de acesso a este julgamento e 2) se a experiência de Satisfação Com a Vida realmente importa, no sentido de alterar o comportamento das pessoas.

Apesar da controvérsia entre metodologia de acesso à Satisfação Com a Vida (e.g., a análise da soma de vários momentos; Pavot & Diener; 2008), vários estudos têm mostrado a importância deste construto (e.g., na qualidade das relações sociais, relações maritais, índices de sucesso no trabalho; ver Pavot & Diener, 2008). Deste modo, o estudo aqui apresentado procura inserir-se na panóplia de estudos que realçam o benefício de se compreender melhor este construto.

Importa também salientar que, no nosso estudo, os julgamentos relativos à Satisfação

Com a Vida procuram basear-se na informação acessível ao sujeito, não descurando que esta fonte inclui domínios salientes, assim como, emoções e humor, que se manifestam na resposta dada pelo sujeito.

1.4.4. Relacionando a Satisfação Com a Vida com variáveis sócio-demográficas

Os estudos que se seguem, apesar de utilizarem diferentes instrumentos, visam esclarecer a relação entre este conceito e as variáveis sócio-demográficas, sendo por isso aqui explanados.

Vários estudos verificaram que o avanço da idade é acompanhado por um aumento de oportunidade de se experienciar contentamento e satisfação (Atkison, 1979; Campbell, et al., 1976, Weissman et al., 1985; citados por Butt & Beiser, 1987).

Relativamente aos géneros, o estudo de Argyle (2001; citado por Perloiro, 2002) constata diferenças na Satisfação Com a Vida. Este resultado revela que os homens são mais afectados pelos aspectos relativos ao trabalho, à satisfação económica, a si mesmos e à forma como são apreciados e considerados. Nas mulheres a Satisfação Com a Vida é mais afectada pelos aspectos relacionados com crianças e com a saúde das suas famílias.

Ellison, Gay e Glass (1989) encontraram uma relação significativa entre a Satisfação Com a Vida e o ser filiado, participativo ou devoto a aspectos religiosos. Ellison (1991) (citado por Diener, et al., 1999) mostrou também que a religião era responsável por cerca de 5% da variância total da Satisfação Com a Vida, e referiu que na sua opinião a religião opera sobre o bem-estar através de processos cognitivos, permitindo à pessoa reenquadrar determinados acontecimentos.

Verificaram-se também correlações positivas que mostram que a educação afecta os níveis de Satisfação Com a Vida, principalmente por influenciar o tipo de profissão que se irá ter e, conseqüentemente, o rendimento (Veenhoven, 1994; Writter et al., 1984; citados por Perloiro, 2002).

1.5. Encontros de variáveis em diversos estudos

Neste ponto serão apresentados estudos que se reportam às relações entre as diversas variáveis. Contudo, nas relações consideradas não se encontraram sempre estudos que focassem o Sentido de Comunidade, o Apoio Social Percebido e a Satisfação Com a Vida.

Neste sentido, optou-se por escolher investigações próximas destes construtos que poderiam contribuir de alguma forma para este estudo.

a) Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido

Como mencionado anteriormente, Pretty et al. (1996), defendem que um sujeito pode sentir suporte num novo bairro, antes de ter a oportunidade de estabelecer um contacto interpessoal. Prezza, Amici, Roberti e Tedeschi (2001) referem ainda o suporte social procurando esclarecer a diferença entre “*neighboring*” e Sentido de Comunidade. Estes autores defendem que “*neighboring*” tem um componente social, cognitivo e afectivo. O primeiro componente, inclui o Sentido de Comunidade, a ligação a um local e o sentimento de mútua ajuda. A componente social reporta para o papel subjacente ao suporte social positivo. Os vizinhos podem estabelecer fortes laços entre eles e, acima de tudo, os considerados “laços fracos” podem ser “usados”, caso sejam necessários, contribuindo-se assim para a promoção da integração social. A componente cognitiva refere-se ao modo como os residentes desenvolvem um mapa cognitivo e uma comunicação simbólica atribuída a alguns aspectos físicos da área percebida como “*neighborhood*”. Estes autores, apesar de referirem estudos empíricos onde tem sido difícil distinguir entre estes vários componentes, afirmam que quando o Sentido de Comunidade se refere a um grande território (e.g., cidade), o grau ou os actos manifestos de “*neighboring*” distinguem-se do Sentido de Comunidade.

b) Apoio Social Percebido e Satisfação Com a Vida

Diversos estudos sobre o suporte social têm conduzido a evidências consistentes sobre o papel de destaque da percepção que se tem face à disponibilidade dos outros como forma de recurso. A percepção parece desempenhar um papel importante na predição e concretização de domínios como as estratégias de *coping*, bem-estar, saúde psicológica e física ao longo do ciclo de vida (Besser & Priel, 2007).

Um dos estudos que reporta para a percepção é o de Aquino, Altmaier, Russell e Cutrona (1996). Estes autores testaram a hipótese de que a relação entre o trabalho (pago ou voluntário) e a Satisfação Com a Vida seria mediada pelo Apoio Social Percebido nos idosos. Os resultados indicaram a existência de uma relação directa e indirecta entre o trabalho e a

Satisfação Com a Vida, e uma relação directa entre Apoio Social Percebido e Satisfação Com a Vida.

No terceiro estudo de Moreira e Canaipa (2007), evidenciou-se também que uma maior percepção de apoio social se relaciona com uma avaliação global mais positiva sobre a vida. Este sentimento de Satisfação Com a Vida, neste estudo, revela uma relação significativa quer com o Apoio Social Percebido global, quer com cada uma das “provisões sociais”. Atendendo aos seus resultados, os autores pressupõem que essa satisfação advém da existência de relações de maior proximidade e intimidade afectiva (Moreira e Canaipa, 2007).

c) *Sentido de Comunidade e Satisfação Com a Vida*

Melhorar a qualidade de vida na comunidade é um dos objectivos da Psicologia Comunitária (Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001). Os estudos que se seguem procuram fazer valer esta premissa.

Davidson e Cotter (1991) estudaram a relação entre o Sentido de Comunidade e a saúde psicológica (operacionalizada como bem-estar subjectivo). Os resultados deste estudo demonstraram que as pessoas com um maior Sentido de Comunidade obtinham um maior bem-estar subjectivo. Os autores enfatizam a relação entre Sentido de Comunidade e felicidade, e justificam a relação entre a componente cognitiva do bem-estar subjectivo (Satisfação Com a Vida) e o Sentido de Comunidade, salientando as diferenças que existem a nível individual relativamente a uma maior consciência sobre a relevância dos recursos da comunidade e das soluções comunitárias para os problemas que surgem.

Torri (citado por Prezza, Amici e Roberti, 2001) demonstrou a relação entre uma particular tradição popular e o Sentido de Comunidade. Este autor comparou o Sentido de Comunidade, o grau de *neighboring*, e Satisfação Com a Vida em duas pequenas cidades italianas de cerca de 600 habitantes. A única diferença apreciável entre elas é que uma das cidades tem, ao longo dos últimos 20 anos, preparado um popular evento teatral anual. Cerca de metade dos habitantes da cidade envolvem-se directamente ou indirectamente no evento. Em ambas as cidades revelaram-se elevados graus de “*neighboring*”, e Satisfação Com a Vida e Sentido de Comunidade, com uma diferença significativa apenas na última variável, concluindo-se que os habitantes da cidade com o evento anual revelam um Sentido de Comunidade significativamente mais elevado.

d) Relacionando as três variáveis

Existem ainda estudos que referem mais explicitamente a possível relação entre o Sentido de Comunidade, o Apoio Social Percebido e a Satisfação Com a Vida. Esta evidência é corroborada nos estudos que se seguem. Prezza e Costantini (1998), por exemplo, verificaram que nas pequenas cidades existe um maior Sentido de Comunidade e uma maior Satisfação Com a Vida, sendo também maior a satisfação com os serviços prestados pela comunidade e maior o Apoio Social Percebido. Os autores sugerem que este resultado se deve à pequena dimensão das comunidades rurais, que promove maiores laços, sentimentos de pertença, suporte, influência e interdependência.

No que concerne à religiosidade, Obst e Naomi (2009) verificaram que as dimensões ligação emocional e influência são particularmente importantes na predição do bem-estar em indivíduos com religiosidade e com uma identificação com a igreja. Estes autores descobriram também que a percepção dos indivíduos sobre o suporte social serve de mediador na relação entre o sentido psicológico de comunidade e o bem-estar, sendo que uma identificação forte com um membro da igreja reforça não só o Sentido Psicológico de Comunidade e a religiosidade, mas também o bem-estar.

2. Processo Metodológico

2.1. Objectivos da investigação

Diversos estudos salientam possíveis relações entre Apoio Social Percebido e a Satisfação Com a Vida (e.g., Moreira & Canaipa; 2007; Aquino, Altmaier, Russell & Cutrona; 1996), e entre o Sentido de Comunidade e a Satisfação Com a Vida (Prezza & Costantini, 1998). Verificaram-se também diversas tentativas de compreensão sobre estes conceitos e suas relações, que não nos surgem como claras.

Neste sentido, a partir destas pistas delineou-se o objectivo central que foi estudar a questão inicial: será que para a área de residência, bairro ou comunidade local dos portugueses, faz sentido considerar que na relação Sentido de Comunidade e Satisfação Com a Vida existe o mediador Apoio Social Percebido?

No que se refere aos objectivos específicos: 1) compreender como se relacionam as variáveis em estudo e 2) compreender a relação entre os constructos em estudo e algumas variáveis demográficas.

2.2. Questões de investigação

No sentido de alcançar os objectivos propostos, importa prever o que se espera das análises estatísticas, tendo em conta a revisão de literatura apresentada anteriormente.

Porém, é de salientar que não seria correcto, propor duas hipóteses, uma vez que não existe um referencial teórico e/ou científico robusto que permita antever um resultado para as questões que se irão propor.

Questão de Investigação 1: O Apoio Social Percebido medeia a relação Sentido de Comunidade e Satisfação com a Vida.

Questão de Investigação 2: Que variáveis sócio-demográficas são relevantes no Sentido de Comunidade e na Satisfação com a Vida tendo em vista o mediador Apoio Social Percebido?

2.3. Estratégia Metodológica

2.3.1. Selecção da amostra

Este estudo procura averiguar um conjunto de relações entre construtos e tem por foco uma população que para todos os efeitos se considerará normal. A amostra recolhida serve também de base à tese do Mestrado Integrado em Psicologia do núcleo de Psicologia Sistémica de Marante (no prelo). Deste modo, nem todas as escalas apresentadas aos sujeitos foram analisadas para este estudo.

A amostra presente nesta investigação foi recolhida através de alguns colegas (também a desenvolver tese) e alunos do 1º ano do 1º Ciclo do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. A estes foi pedido que entregassem um envelope aos seus familiares ou amigos, contendo o termo de consentimento informado (ver Anexo I), um questionário sócio-demográfico (ver Anexo II), um conjunto de escalas e finalmente um esclarecimento geral sobre este estudo (ver Anexo III).

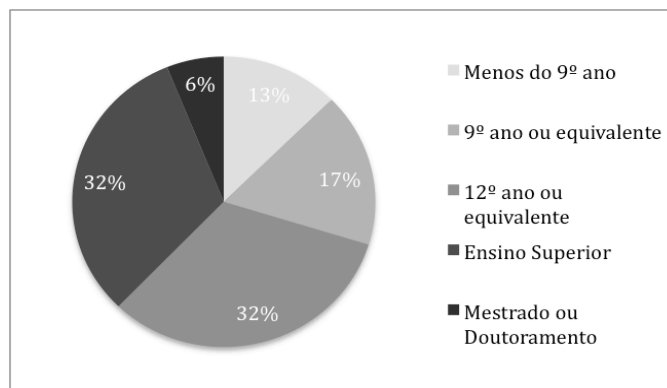
2.3.2. Caracterização da amostra

A amostra obtida é constituída por 262 adultos, sendo 95,4% de nacionalidade portuguesa (N = 250) e 4,6% de uma outra (N = 12). As idades estão compreendidas entre os 18 e os 75 anos de idade (M = 39,47 anos e DP = 12,130), sendo 60,3% do sexo feminino (N = 158) e do sexo masculino 39,7% (N = 104).

Os dados referentes ao Estado Civil foram agrupados em Solteiros 32,4% (N = 85), Casados 58% (N = 152), e Separados 7,3% (N = 19), colocando-se de parte os Viúvos por existirem em número reduzido na amostra (N = 6). Este agrupamento, apesar de retirar maior detalhe aos dados, faz com que cada grupo tenha um número mais elevado de indivíduos e facilita a análise estatística. Neste sentido, para os Casados (N = 140) optou-se por os agrupar com os indivíduos que vivem em União de Facto (N = 12) e para o grupo Separados (N = 4) optou-se por se juntar o grupo Divorciados (N = 15).

Relativamente à escolaridade, verificou-se que a maioria dos indivíduos tem o 12º ano ou equivalente e ensino superior (ver Figura 1).

Figura 1. Escolaridade.



No que concerne ao número de elementos que constituem o agregado familiar, verificou-se que a maioria é composta por 4 elementos, 42,2% (N = 111), sendo que 24,4% (N = 64) é constituído por 3 elementos, 14,9% (N = 39) é constituído por 2 elementos, 9,2% (N = 24) constituída por 5 elementos, 6,5% (N = 17) é constituído por um elemento, 2,3% (N = 6) é constituída por 6 elementos e 0,4% (N = 1) é constituída por 7 elementos.

Verificou-se que para número de filhos, que 36,3% (N = 95) dos sujeitos não têm filhos, 35,9% (N = 94) têm 2 filhos, 19,1% (N = 50) têm 1 filho, 6,1% (N = 16) têm 3 filhos e 2,7% (N = 7) têm 4 ou mais filhos. Relativamente aos 167 indivíduos que têm filhos verificou-se que 160 têm filhos que coabitam consigo.

Relativamente ao grupo³ onde se enquadra a profissão dos inquiridos, verificou-se que a maioria pertence ao Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio), tal como se verifica no Quadro 1. Importa salientar que para os indivíduos que dependiam de terceiros (e.g., desempregados ou estudantes) pediu-se para assinalar o grupo a que pertence a pessoa da qual depende financeiramente.

Quadro 1. Grupo Profissional.

<i>Grupos</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas)	48	18,7%
Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas)	46	17,6%
Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio)	57	21,8%
Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares)	40	15,3%
Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores)	23	8,8%
Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas)	0	0%
Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares)	13	5,0%
Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem)	7	2,7%
Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados)	27	10,3%
<i>Total</i>	262	100%

No que concerne ao local de trabalho, 55,3% dos indivíduos responderam que não trabalhavam na área de residência (N = 145) e 44,7% (N = 117) responderam afirmativamente à mesma questão.

Verificou-se que nesta amostra a maioria dos indivíduos habita o distrito de Lisboa 60,3% (N = 158), seguindo-se o distrito de Setúbal 14,9% (N = 39), Leiria 5,7% (N = 5), Santarém 5,3% (N = 14) e Região Autónoma da Madeira 3,1% (N = 11). Os distritos menos representados são: Viseu e Açores 3,1% (N = 8); Castelo Branco, Évora e Faro com 3,4 % (N = 9); enquanto que Aveiro, Braga, Coimbra e Portalegre representam 3,1% (N = 8) valores

³ Os grupos foram definidos de acordo com a Classificação Nacional de Profissões (CNP) do Instituto do Emprego e Formação Profissional (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>; acedido em 26 de Outubro de 2009).

relativos à amostra total, obtendo cada um destes distritos uma percentagem equitativa prefazendo os valores totais apresentados.⁴

No que se refere à localidade de residência, 63,7% dos indivíduos afirmam morar numa zona urbana (N = 167), 21,8% numa zona suburbana (N = 57) e 14,5% numa zona rural (N = 38).

Relativamente ao tempo em que os sujeitos habitam na localidade onde vivem, verificou-se uma média de 22,26 anos (DP = 15,389), sendo que o número mínimo de anos é 1 e o máximo é 65 anos.

Tomando em consideração a religião, optou-se por analisar os resultados referentes aos indivíduos que possuem uma crença religiosa e são praticantes procurando com isso abarcar o maior número de indivíduos que tem uma atitude activa na área de residência/bairro/comunidade local. Neste sentido, verificou-se que 32,1% (N = 84) é praticante e 67,9% (N = 178) não é praticante.

No que concerne às actividades realizadas na comunidade (e.g., voluntariado, actividades de lazer) verificou-se que 45% (N = 118) dos indivíduos não realiza nenhuma actividade no seu bairro e 55% (N= 144) realizam. Todos estes dados foram obtidos através do questionário relativo aos dados demográficos.

2.3.3. Instrumentos utilizados

Além do questionário demográfico utilizado, foram aplicadas mais três escalas: a) *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (Peterson, Speer e McMillan, 2008; adaptação por Marante, no prelo); b) *Escala de Provisões Sociais* (Cutrona & Russel, 1987; adaptação por Moreira e Canaipa, 2007) e c) *Escala de Satisfação Com a Vida* (Diener, Emmons, Larson & Griffin, 1985; adaptação por Neto, Barros & Barros, 1990)⁵.

Para todas estas escalas, no cabeçalho, era realçada a importância de responder a todos os itens em função do seu bairro, área de residência ou comunidade local.

⁴ Os distritos não mencionados obtiveram uma percentagem nula.

⁵ Nesta secção apenas serão abordados valores relativos a consistência interna, uma vez que, uma análise psicométrica mais robusta não se enquadra no objectivo deste estudo e ocuparia muito espaço.

a) Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)

A escala utilizada neste estudo para medir o Sentido de Comunidade foi a *Brief Sense of Community Scale* (BSCS), seguindo o modelo de McMillan e Chavis (1986). Esta escala é constituída por 8 itens, reportando-se os dois primeiros à dimensão Satisfação de Necessidades (e.g., 1. Eu consigo obter o que necessito desta comunidade.), os itens 3 e 4 à Pertença (e.g., 4. Eu pertenço a esta comunidade.), os itens 5 e 6 à Influência (e.g. 6. As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se uns aos outros.) e os dois últimos itens à Ligação Emocional (e.g., 8. Eu tenho bons laços com outros nesta comunidade.). Os inquiridos deveriam responder de acordo com uma escala tipo Likert de 5 pontos, podendo as respostas variar entre “1 – discordo fortemente” e “5 – concordo fortemente”. Os itens da BSCS foram criados tendo em consideração as recomendações na literatura do Sentido de Comunidade, tendo sido apenas formulados pela positiva para conferirem maior precisão e consistência interna (Peterson et al. 2008).

A *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC) é a versão portuguesa da BSCS tendo sido adaptada por Marante (no prelo), mantendo o formato original. No Quadro 2 encontram-se os valores relativos à precisão desta escala e dos resultados encontrados por Peterson et al. (2008) para a BSCS.

Quadro 2. Precisão por alfa de Cronbach da BSCS e EBSC

	Total	SN	P	I	LE
Alfa BSCS	0,92	0,86	0,94	0,77	0,87
Alfa EBSC	0,84	0,82	0,88	0,33	0,75

Nota: SN – Satisfação de Necessidade. P - Pertença. I - Influência. LE – Ligação Emocional.

Tomando em consideração o alfa de Cronbach encontrado para a sub-escala Influência da EBSC, os resultados inerentes a esta deverão ser interpretados com reserva. Este facto pensamos que se deva essencialmente ao item 6, devido ao reduzido valor alcançado na correlação item-total da EBSC (ver Quadro 3). Uma hipótese de explicação para este valor

poderá estar na tradução efectuada para este item. Um maior detalhe relativo a esta escala não será aqui efectuado por ser tema de uma outra tese (Marante, no prelo).

Quadro 3. Correlação item-total corrigida da EBSC.

	EBSC1	EBSC2	EBSC3	EBSC4	EBSC5	EBSC6	EBSC7	EBSC8
Alfa EBSC	0,47	0,58	0,80	0,71	0,47	0,2	0,8	0,63

b) Escala de Provisões Sociais (EPS)

Para avaliar o Apoio Social Pecebido utilizou-se uma adaptação da *Social Provisions Scale* (SPS). Esta foi elaborada por Cutrona e Russel (1987), com o intuito de reflectir e avaliar a percepção que o indivíduo tem sobre o apoio que pode ser obtido no contexto das relações sociais. Tal como referido na secção 1.3.3., este apoio foi definido em termos de seis tipos de “provisões sociais”. Estas provisões foram operacionalizadas em 4 afirmações, das 24 que constituem a EPS (Moreia & Canaipa, 2007). Neste sentido, as afirmações 3 (invertido), 12, 16 e 19 (invertido) correspondem ao *Aconselhamento* (e.g., 12. Há alguém com quem eu poderia falar acerca de importantes decisões na minha vida.); as afirmações 1, 10 (invertido), 18 (invertido) e 23 correspondem à *Aliança Fiável* (e.g., 1. Há pessoas com as quais posso contar para me ajudarem se eu necessitar realmente.); as afirmações 6 (invertido), 9 (invertido), 13 e 20 correspondem à *Reafirmação de Valor* (e.g., 6. As outras pessoas não me vêem como competente.); 4, 7, 15 (invertido) e 24 (invertido) corresponde à *Oportunidade de Prestação de Cuidados* (e.g., 4. Há pessoas que contam comigo caso precisem de ajuda.); a 2 (invertido), 11, 17 e 21 (invertido) corresponde a *Vinculação* (e.g., 11. Tenho relações próximas que me dão um sentimento de segurança emocional e de bem-estar.) e 5, 8, 14 (invertido), 22 (invertido) corresponde a *Integração Social* (e.g., 5. Há pessoas que apreciam as mesmas actividades sociais que eu.). Em cada afirmação o sujeito teria de indicar o seu grau de concordância numa escala tipo Likert de 4 pontos (de “1 – discordo fortemente” até “4 – concordo fortemente”).

No que concerne às qualidades psicométricas, a utilização da SPS mostrou, no seu estudo inicial, coeficientes de alfa de Cronbach para cada uma das seis sub-escalas entre 0,65 e 0,76 (1987, Cutrona & Russell, citado por Moreira e Canaipa, 2007).

Na versão portuguesa da SPS, Moreira e Canaipa (2007) verificaram que, no seu conjunto, a EPS fornece dados com boas qualidades psicométricas sobre as facetas do apoio social percebido. Esta conclusão sustenta-se em dados como a consistência interna (ver Quadro 4)⁶.

Quadro 4. Precisão por alfa de Cronbach da EPS.

	Total	AC	AF	RV	OPC	V	IS
Alfa EPS MC	0,89	0,74	0,54	0,70	0,61	0,70	0,71
Alfa EPS	0,94	0,84	0,82	0,63	0,72	0,70	0,73

Nota: EPS MC – valores encontrados por Moreira e Canaipa (2007) para a Escala de Provisões Sociais. EPS – valores encontrados no presente estudo para a Escala de Provisões Sociais. AC - Aconselhamento. AF - Aliança Fiável. RV - Reafirmação do Valor. OPC - Oportunidade de Prestação de Cuidados. V - Vinculação. IS - Integração Social.

c) Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV)

A *Satisfaction with Life Scale* (SWLS; Diener, Emmons, Larson & Griffin, 1985) foi desenvolvida para aceder de forma breve ao sentido geral de satisfação individual com a vida, procurando aceder a uma ponderação relativa geral sobre a satisfação.

Em acordo com Perloiro (2002), esta é considerada uma das melhores escalas que avaliam o componente cognitivo do bem-estar subjectivo. Esta compõe-se por 5 itens, com o objectivo de medir o julgamento cognitivo global sobre a vida do inquirido (e.g., 3. Estou satisfeito/a com a minha vida). As respostas são apresentadas em acordo com uma escala tipo Likert de 7 pontos (de “1 – concordo fortemente” até “7 – discordo fortemente”).

Na versão portuguesa, escala de *Satisfação Com a Vida* (ESCV), existem duas escalas, uma de Neto, Barros e Barros (1990) e outra de Simões (1993; citado por Perloiro, 2002). A primeira manteve-se fiel à original, mas a segunda foi reduzida de 7 para 5 opções de resposta. A versão utilizada neste trabalho é a de Neto, Barros e Barros (1990), por considerarmos ser a mais próxima da sua versão original de Diener, et al. (1985).

⁶ A análise factorial confirmatória foi efectuada com dados de 1792 sujeitos que participaram nos estudos de Canaipa e Moreira (2007) que validaram a versão portuguesa da escala.

No que concerne à precisão por alfa de Cronbach, Neto et al. (1990) verificara o valor de 0,78; no presente estudo verificou-se um alfa 0,85.

2.4. Procedimento na recolha e tratamento de dados

Como referido anteriormente, a amostra utilizada se viu para dois estudos. Inicialmente, procedeu-se a um pré-teste a 5 pessoas, com o intuito de aferir o entedimento por parte dos sujeitos das questões propostas. Uma versão final foi depois aplicada aos sujeitos deste estudo.

A amostra foi recolhida entre Novembro de 2008 e Janeiro e 2009. A recolha iniciou-se numa aula de primeiro ano do 1º Ciclo do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia de Lisboa e de Ciências da Educação. Nesta apresentou-se a investigação e explicitaram-se os objectivos gerais. Assegurou-se ainda o anonimato e a confidencialidade das respostas, enfatizando a inexistência de respostas certas ou erradas. Afirmou-se também que os questionários deveriam ser respondidos na sua totalidade e individualmente por adultos maiores de 18 anos e que seria importante obter questionários respondidos por indivíduos de diferentes zonas do país. Neste momento frisou-se também que as dúvidas que poderiam ser esclarecidas através dos contactos fornecidos pelas investigadoras na primeira e última folhas presentes nos envelopes entregues.

Posteriormente procedeu-se à recolha dos questionários e à introdução dos dados numa base de SPSS (versão 16.0 para *Windows*) previamente criada. Seguiu-se uma análise através do AMOS (versão 16.0 para *Windows*) e do SPSS (versão 16.0 para *Windows*) com o auxílio dos Professores Orientadores deste Projecto.

3. Resultados

O objectivo do presente estudo foi não só compreender as relações que existem entre estes construtos, como também procurar compreender melhor a forma como estes se relacionam com diversas variáveis demográficas⁷. Neste sentido, realizaram-se as análises que se seguem.

⁷ Importa salientar que a leitura referente à variável sócio-demográfica Nível Profissional deverá considerar a codificação de 1 a 9 sendo que 1 reporta para nível mais elevado (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas) e 9 para o nível menos elevado (Trabalhadores Não Qualificados).

3.1. Correlações entre as sub-escalas da EBSC, EPS e a ESCV

Procurando dar respostas às questões iniciais, torna-se pertinente verificar se existe uma relação entre as variáveis em estudo. No Quadro 5 encontram-se os resultados das correlações entre as sub-escalas da EBSC, sub-escalas da EPS e ESCV.

Quadro 5. Correlações entre EBSC, EPS, sub-escalas e ESCV.

	EPS	AC	AF	RV	OPC	V	IS	EBSC	SN	P	I	LE
EPS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AC	0.91**	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
AF	0.88**	0.79**	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
RV	0.70**	0.55**	0.56**	-	-	-	-	-	-	-	-	-
OPC	0.79**	0.65**	0.57**	0.44**	-	-	-	-	-	-	-	-
V	0.87**	0.78**	0.72**	0.54**	0.65**	-	-	-	-	-	-	-
IS	0.85**	0.72**	0.71**	0.51**	0.65**	0.67**	-	-	-	-	-	-
EBSC	0.55**	0.50**	0.53**	0.26**	0.42**	0.46**	0.57**	-	-	-	-	-
SN	0.39**	0.37**	0.39**	0.22*	0.23**	0.34**	0.42**	0.70**	-	-	-	-
P	0.45**	0.41**	0.43**	0.15*	0.35**	0.40**	0.50**	0.88**	0.48**	-	-	-
I	0.33**	0.32**	0.32**	0.20**	0.29**	0.23**	0.32**	0.64**	0.21**	0.41**	-	-
LE	0.53**	0.47**	0.52**	0.25**	0.42**	0.48**	0.53**	0.90**	0.49**	0.77**	0.44**	-
ESCV	0.31**	0.23**	0.31**	0.036**	0.16*	0.22**	0.32**	0.31**	0.36**	0.23**	0.13*	0.25**

** Correlação é significativa para $p < 0.01$

* Correlação é significativa para 0.05

Nota: EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade. SN – Satisfação de Necessidade. P – Pertença. I – Influência. LE – Ligação Emocional. EPS – Escala de Provisões Sociais. AC – Aconselhamento. AF – Aliança Fiável. RV – Reafirmação do Valor. OPC – Oportunidade de Prestação de Cuidados. V – Vinculação. IS – Integração Social. ESCV – Escala de Satisfação Com a Vida.

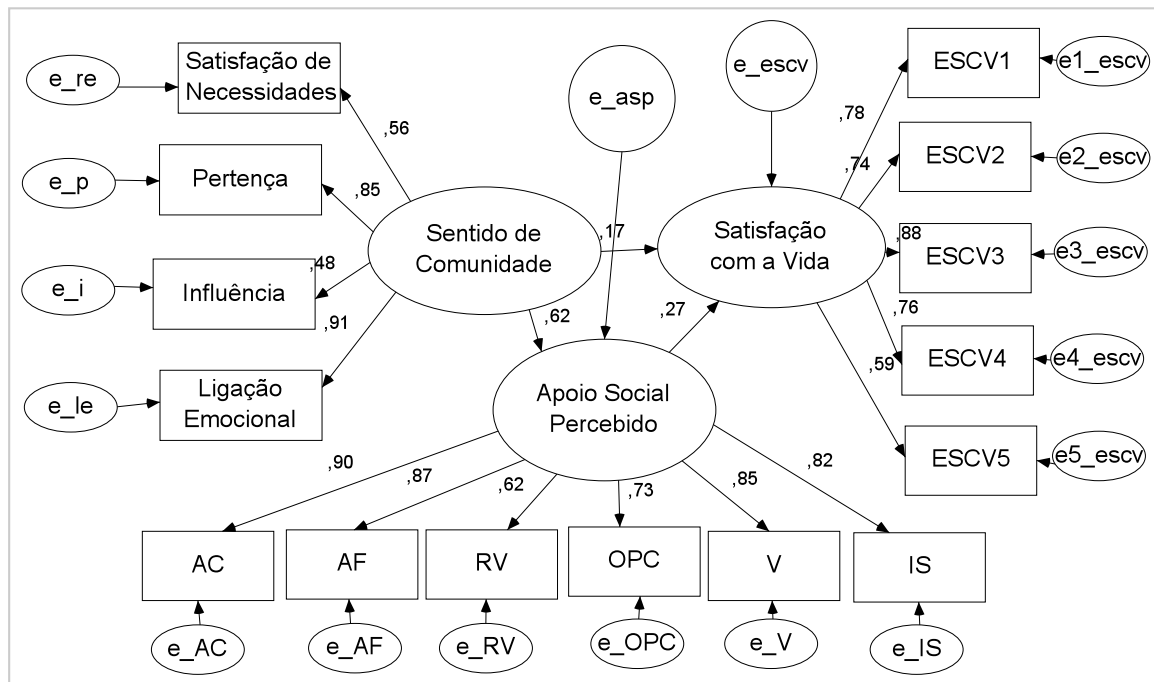
O Quadro 5 revela que existem correlações significativas positivas entre todas as escalas e subescalas. Salienta-se ainda o facto da *EBSC* se encontrar fortemente correlacionada com a *EPS* ($r = 0.55$; $p < 0.01$). Deste modo, torna-se plausível considerar a questão inicial, ou seja, será que o Sentido de Comunidade está relacionado com a Satisfação Com a Vida através Apoio Social Percebido?

3.2. Ajustamento ao modelo teórico proposto

Seguidamente apresenta-se um modelo estrutural com o intuito de realizar uma análise sobre duas questões: validar um modelo de medida e testar o ajustamento do modelo estrutural proposto através da análise das “ligações” (*pathways*) existentes entre as variáveis.

Para o modelo em análise neste trabalho definiu-se como variáveis latentes o Sentido de Comunidade, a Satisfação Com a Vida e o Apoio Social Percebido. As variáveis observadas neste modelo referem-se às sub-escalas da EBSC e EPS, assim como aos itens pertencentes à ESCV (Figura 2).

Figura 2. Modelo de equações estruturais a três factores.



Nota: AC - Aconselhamento. AF - Aliança Fiável. RV - Reafirmação do Valor. OPC - Oportunidade de Prestação de Cuidados. V - Vinculação. IS - Integração Social.

Os valores de ajustamento obtidos neste modelo foram $\chi^2 = 190,6$ ($p < 0,0005$), $df = 87$. No que concerne aos índices de ajustamento verificou-se $GFI = 0,914$; $NFI = 0,919$ e $CFI = 0,954$. Estes valores, sendo superiores a 0,90, revelam que este modelo apresenta um bom

índice de ajustamento uma vez que quanto mais próximos de 1 melhor será o ajustamento (Arbuckle, 2007). O valor de RMSEA é 0,068 encontrando-se dentro do limite admissível, uma vez que para alguns autores o valor de 0,08 ou menos indica um valor razoável de erro de aproximação (Arbuckle, 2007).

Como se pode constatar na Figura 1, as ligações apresentam valores elevados, excepto na ligação entre as variáveis latentes Sentido de Comunidade e Satisfação Com a Vida (.17) e entre Apoio Social Percebido e Satisfação Com a Vida (.27). Apesar das ligações mencionadas terem um valor baixo, verificou-se que a apenas a ligação Sentido de Comunidade para a Satisfação Com a Vida (.17) não apresenta significância ($p = 0.55$).

3.3. Médias, Desvios-padrão, Máximo e Mínimos das Escalas

No Quadro 6 apresenta-se uma análise das médias, desvios-padrão, máximos e mínimos dos resultados encontrados para cada escala e sub-escala.

Quadro 6. EBSC, EPS, respectivas sub-escalas e ESCV: médias e desvios-padrão.

	Média	Desvio-padrão	Máximo	Mínimo
EBSC	3.43	0.69	5	1
SN	3.43	0.85	5	1
P	3.45	0.10	5	1
I	3.34	0.79	5	1
LE	3.53	0.88	5	1
EPS	3.11	0.47	4	1.50
AC	3.08	0.68	4	1
AF	3.25	0.58	4	1
RV	3.07	0.46	4	1.25
OPC	3.19	0.54	4	1
V	3.04	0.57	4	1.50
IS	3.06	0.52	4	1.50
ESCV	4.77	1.20	7	1

Nota: EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade. SN – Satisfação de Necessidades. P - Pertença. I - Influência. LE – Ligação Emocional. EPS – Escala de Provisões Sociais. AC - Aconselhamento. AF - Aliança Fiável. RV - Reafirmação do Valor. OPC - Oportunidade de Prestação de Cuidados. V - Vinculação. IS - Integração Social. EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade. ESCV – Escala de Satisfação Com a Vida.

No Quadro 6 pode-se observar que os valores das médias, para cada uma das escalas, têm um resultado semelhante, verificando-se uma subida na ESCV, uma vez que nesta os sujeitos tiveram de responder de acordo com uma escala de 7 pontos.

3.4. Relações entre as variáveis sócio-demográficas e as variáveis principais

3.4.1. Relações entre variáveis sócio-demográficas e o Sentido de Comunidade

No Quadro 7 encontram-se os resultados referentes à análise das relações entre as variáveis demográficas e a EBSC e respectivas sub-escalas. Nas análises que se seguem utilizou-se a versão do teste que assume a homogeneidade de variâncias para os casos em que o teste de Levine não foi significativo. Nos restantes casos utilizou-se a versão do teste que pressupõe a homogeneidade de variâncias.

Quadro 7. Resultados dos testes de significâncias referentes a comparações de médias sobre as variáveis sócio-demográficas para a EBSC e sub-escalas, através de *t-Student* e ANOVAs a um factor (valores *t* e *F*).

	<i>Gl</i>	EBSC	SN	P	I	LE
Sexo (<i>t</i>)	260	0.77	-0.63	0.40	1.03	0.41
Estado Civil (<i>F</i>)	(2, 253)	1.66	0.59	1.44	0.69	1.65
Trabalhar na área de residência (<i>t</i>)	260	-3.09*	-1.87	-2.26*	-2.53*	-2.98*
Localidade de residência (<i>F</i>)	(2, 259)	3.97*	4.81**	3.18*	5.16**	4.17*
Praticante de uma religião (<i>t</i>)	260	-4.12**	-2.16*	-4.213**	-2.52*	-3.73**
Não participa em nenhuma actividade na área de residência (<i>t</i>)	260	4.64**	3.47**	2.84	3.82**	4.42**

** O valor é significativo para $p < 0.01$

* O valor é significativo para $p < 0.05$

Nota: EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade; SN – Satisfação de Necessidades. P - Pertença. I - Influência. LE – Ligação Emocional.

No Quadro 8 encontram-se as médias e desvios-padrão tomando em consideração as variáveis que apresentam diferenças estatisticamente significativas encontradas no Quadro 7.

Quadro 8. Médias e desvios-padrão de algumas variáveis sócio-demográficas considerando a EBSC e as suas sub-escalas.

		N	EBSC M/DP	SN M/DP	P M/DP	I M/DP	LE M/DP
Trabalhar na área de residência	Sim	117	3.36/0.71	3.53/0.91	3.60/0.95	3.58/0.71	3.71/0.89
	Não	145	3.32/0.65	3.34/0.79	3.32/1.02	3.32/0.65	3.39/0.84
	Urbano	167	3.45/0.67	3.55 ^a /0.82	3.44/0.99	3.28 ^a /0.81	3.54/.86
Localidade de residência	Sub-urbano	57	3.25 ^a /0.79	3.18 ^b /0.97	3.25 ^a /1.1	3.25 ^a /0.81	3.31 ^a /0.92
	Rural	38	3.65 ^b /0.54	3.26/0.69	3.78 ^b /0.76	3.71 ^b /0.57	3.83 ^b /0.80
Praticante de uma religião	Sim	84	3.68/0.63	3.59/0.81	3.81/0.89	3.50/0.72	3.82/0.78
	Não	178	3.32/0.69	3.35/0.86	3.28/1.00	3.26/0.81	3.39/0.89
Não participa em nenhuma actividade na área de residência	Sim	144	3.26/0.712	3.27/0.89	3.29/1.00	3.17/0.82	3.32/0.92
	Não	118	3.64/0.59	3.62/0.75	3.64/0.96	3.53/0.70	3.78/0.74

Nota: M – Média. DP – Desvio-Padrão. EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade; SN – Satisfação de Necessidade. P - Pertença. I - Influência. LE – Ligação Emocional. Na leitura vertical das médias as letras diferentes apresentam valores com significâncias diferentes num teste de comparações múltiplas de Tukey (HSD), para $p < 0.05$.

No Quadro 7 verificam-se valores com significância para o *Sentido de Comunidade* geral e *Pertença*, *Influência* e *Ligação Emocional* tomando em consideração a variável *Trabalhar na área de residência*. Neste sentido, segundo o Quadro 8, esta variável indicia um maior *Sentido de Comunidade*, um maior sentido de *Pertença*, maior *Influência* e uma maior

Ligação Emocional com a comunidade para aqueles que referem trabalhar, comparativamente a não trabalhar na área de residência.

Relativamente à *Localidade de Residência*, verificou-se que o *Sentido de Comunidade* geral e todas as sub-escalas, apresentam valores com significância estatística. Deste modo e considerando o Quadro 7, verifica-se que existe uma diferença significativa para o *Sentido de Comunidade* geral entre quem habita numa localidade sub-urbana ou rural, sendo que residir-se numa zona rural indicia um valor mais elevado de *Sentido de Comunidade*. Para a *Localidade de Residência* verifica-se também que a *Satisfação de Necessidades* adquire uma significância estatística entre uma localidade urbana e sub-urbana apresentando a primeira um resultado mais elevado. No que toca à *Pertença*, encontra-se uma diferença com significância entre residir-se numa localidade sub-urbana e rural, tendo o rural obtido o valor mais elevado. Na *Influência* verificou-se uma diferença com significância entre residir-se numa localidade urbana e rural e residir-se numa localidade sub-urbana e rural, tendo a localidade rural obtido os valores mais elevados. Na *Ligação Emocional*, verificou-se que existe significância estatística na diferença entre residir-se numa localidade sub-urbana ou residir-se numa localidade rural tendo esta última resultados mais elevados.

No Quadro 7 verifica-se que todos os resultados obtidos sobre a diferença entre ser-se ou não praticante de uma religião apresentam significância. Este resultado mostra que ser-se praticante de uma religião revela um maior *Sentido de Comunidade* geral, comparativamente ao não se ser (ver Quadro 8). Verifica-se também no Quadro 8 que ser *Praticante de uma religião* revela uma maior *Satisfação de Necessidades*, maior *Pertença*, maior *Influência* e *Ligação Emocional* com a comunidade comparativamente a não se ser praticante de uma religião.

No que concerne à variável *Não participar em nenhuma actividade na área de residência*, verificaram-se diferenças com significância para o *Sentido de Comunidade* em geral, na *Satisfação de Necessidades*, na *Influência* e na *Ligação Emocional*. Deste modo, participar numa actividade proporciona valores mais elevados de *Sentido de Comunidade* em geral e de *Satisfação de Necessidade*, *Influência* e *Ligação Emocional* com a comunidade.

No Quadro 9 encontram-se os resultados referentes às correlações entre algumas variáveis demográficas e a EBSC utilizando a correlação de Pearson.

Quadro 9. Correlações de Pearson entre a EBSC e as variáveis sócio-demográficas

	EBSC	SN	P	I	LE
Idade	0.04	0.01	0.06	-0.01	0.06
Escolaridade	-0.08	0.08	-0.13*	-0.10	-0.10
Nº de elementos do agregado	0.14*	0.04	0.12*	0.17*	0.11
Nº de filhos	0.08	0.05	0.08	0.07	0.06
Nº de filhos que coabitam	0.12*	0.10	0.09	0.13*	0.07
Nível Profissional	-0.06	-0.20**	0.02	0.02	-0.03
Tempo de habitação na localidade	0.02	-0.12*	0.12	-0.01	0.07

** Correlação é significativa para $p < 0.01$

* Correlação é significativa para $p < 0.05$

Nota: EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade; SN – Satisfação de Necessidade. P - Pertença. I - Influência. LE – Ligação Emocional.

Os resultados no Quadro 9 indicam que existe uma significância estatística fraca positiva entre o *Nº de elementos do agregado familiar* e o *Sentido de Comunidade* geral e entre o *Nº de elementos do agregado familiar* e a *Pertença e Influência*. Deste modo, quanto maior for o *Nº de elementos do agregado familiar*, maior será o *Sentido de Comunidade* geral e maior a *Pertença e Influência*.

Verificou-se também um valor de significância estatística positiva fraca entre o *Nº de filhos que coabitam* e o *Sentido de Comunidade* em geral e a *Influência*. Neste sentido, quanto maior for o número de filhos que coabitam maior será o *Sentido de Comunidade* e maior será a *Influência*.

Nesta análise verificaram-se também correlações com significâncias estatísticas fracas e negativas entre a *Escolaridade* e a *Pertença*; entre o *Nível Profissional* e a *Satisfação de Necessidades* e entre o *Tempo de habitação na localidade* e a *Satisfação de Necessidades*. Desta forma, quanto maior for a *Escolaridade* menor será a *Pertença* a uma comunidade; quanto maior for o *Nível Profissional* maior será a *Satisfação de necessidades* e quanto maior for *Tempo de habitação na localidade* menor será a *Satisfação de Necessidades*.

3.4.2. Relações entre variáveis sócio-demográficas e o Apoio Social Percebido

No Quadro 10 encontram-se os resultados referentes à análise de significâncias entre as médias encontradas para as variáveis sócio-demográficas e a EPS e respectivas sub-escalas.

Nas análises que se seguem utilizou-se a versão do teste que assume a homogeneidade de variâncias para os casos em que o teste de Levine não foi significativo. Nos restantes casos utilizou-se a versão do teste que pressupõe a homogeneidade de variâncias.

Quadro 10. Resultados dos testes de significâncias referentes a comparações de médias da obtidas para algumas variáveis sócio-degráficas relativamente à EPS e sub-escalas, através de *t-Student* e ANOVAs a um factor (valores *t* e *F*).

	<i>Gl</i>	EPS	AC	AF	RV	OPC	V	IS
Sexo (<i>t</i>)	260	-0.51	-0.83	-1.14	-0.19	-0.51	-0.31	0.66
Estado Civil (<i>F</i>)	(2, 253)	1.39	2.58	.30	.80	.48	2.60	1.85
Trabalhar na área de residência (<i>t</i>)	260	2.87**	3.21**	2.15*	2.15*	2.62**	1.86	2.35*
Localidade de residência (<i>F</i>)	(2, 259)	2.22	1.03	1.45	1.99	2.22	2.47	1.52
Praticante de uma religião (<i>t</i>)	260	1.37	1.42	1.51	-0.65	1.15	0.46	2.81**
Não participa em nenhuma actividade na área de residência (<i>t</i>)	260	-4.29**	-4.58**	-3.43**	-2.69**	-2.99**	-2.91**	-4.78**

** O valor é significativo para $p < 0.01$

* O valor é significativo para $p < 0.05$

Nota: *M* – Média. *DP* – Desvio-Padrão. *EPS* – Escala de Provisões Sociais. *AC* - Aconselhamento. *AF* - Aliança Fiável. *RV* - Reafirmação do Valor. *OPC* - Oportunidade de Prestação de Cuidados. *V* - Vinculação. *IS* - Integração Social.

Quadro 11. Médias e desvios-padrão de algumas variáveis sócio-demográficas considerando a EPS e as suas sub-escalas.

		<i>N</i>	EPS <i>M/DP</i>	AC <i>M/DP</i>	AF <i>M/DP</i>	RV <i>M/DP</i>	OPC <i>M/DP</i>	V <i>M/DP</i>	IS <i>M/DP</i>
Trabalhar na área de residência	Sim	117	3.20/ 0.41	3.23/ 0.58	3.34/ 0.54	3.14/ 0.40	3.28/ 0.49	3.12/ 0.54	3.14/ 0.47
	Não	145	3.04/ 0.50	2.97/ 0.73	3.18/ 0.61	3.02/ 0.49	3.11/ 0.56	2.99/ 0.59	2.99/ 0.55
Praticante de uma religião	Sim	84	3.18/ 0.451	3.18/ 0.63	3.33/ 0.56	3.05/ 0.51	3.24/ 0.50	3.07/ 0.56	3.19/ 0.55
	Não	178	3.09/ 0.48	3.05/ 0.70	3.22/ 0.59	3.08/ 0.43	3.16/ 0.55	3.03/0. 58	2.30/ 0.49
Não participa em nenhuma actividade na área de residência	Sim	144	3.01/ 0.48	2.92/ 0.71	3.15/ 0.60	3.00/ 0.43	3.10/ 0.56	2.96/ 0.60	2.93/ 0.51
	Não	118	3.25/ 0.42	3.29/ 0.59	3.39/ 0.53	3.16/ 0.48	3.30/ 0.48	3.16/ 0.51	3.22/ 0.49

Nota: M – Média. DP – Desvio-Padrão. EPS – Escala de Provisões Sociais. AC - Aconselhamento. AF - Aliança Fiável. RV - Reafirmação do Valor. OPC - Oportunidade de Prestação de Cuidados. V - Vinculação. IS - Integração Social.

Em acordo com os resultados do Quadro 10, verifica-se que existem diferenças significativas em *Trabalhar na área de residência* para o *Apoio Social Percebido* em geral e para as respectivas sub-escalas, exceptuando a *Vinculação*. Com o auxílio do Quadro 11, verifica-se que *Trabalhar na área de residência* parece proporcionar um maior *Apoio Social Percebido* em geral, maiores níveis de *Aconselhamento*, *Aliança Fiável*, *Reafirmação do Valor*, *Oportunidade de Prestação de Cuidados* e maior *Integração Social*.

No Quadro 10 verifica-se também uma significância estatística na diferença entre ser *Praticante de uma religião* ou não o ser. Os valores encontrados (ver Quadro 11) apontam para que os indivíduos praticantes apresentam uma maior *Integração Social*.

O facto de se participar numa actividade na área de residência evidencia resultados com significância face ao *Apoio Social Percebido* em geral e às sub-escalas (ver Quadro 10). Neste sentido, participar numa actividade na área de residência proporciona um maior *Apoio*

Social Percebido de um modo geral, um maior *Aconselhamento*, *Aliança Fiável*, *Reafirmação do Valor*, *Oportunidade de Prestação de Cuidados*, *Vinculação* e *Integração Social* (ver Quadro 11).

No Quadro 12 encontram-se os resultados referentes às correlações entre algumas variáveis sócio-demográficas e a EPS utilizando a correlação de Pearson.

Quadro 12. Correlações de Pearson da EPS com as variáveis sócio-demográficas.

	EPS	AC	AF	RV	OPC	V	IS
Idade	-0.16*	-0.14*	-0.10	-0.16**	-0.08	-0.16*	-0.18**
Escolaridade	-0.01	-0.07	0.01	0.09	-0.04	-0.04	0.02
Nº de elementos do agregado	0.06	0.08	0.07	0.00	0.03	0.04	0.08
Nº de filhos	-0.14*	-0.13*	-0.08	-0.14*	0.03	0.04	0.08
Nº de filhos que coabitam	-0.13*	-0.13*	-0.07	-0.12	-0.06	-0.14*	-0.12
Nível profissional	-0.10	-0.05	-0.12*	-0.16**	-0.04	-0.05	-0.13*
Tempo de habitação na localidade	0.04	0.04	0.06	-0.08	0.07	0.06	0.01

** Correlação com significância para $p < 0.01$

* Correlação com significativa para $p < 0.05$

Nota: EPS – Escala de Provisões Sociais. AC - Aconselhamento. AF - Aliança Fiável. RV - Reafirmação do Valor. OPC - Oportunidade de Prestação de Cuidados. V - Vinculação. IS - Integração Social.

No Quadro 12 encontram-se correlações com significância e fracas negativas entre a *Idade* e o *Apoio Social Percebido* em geral, *Aconselhamento*, *Reafirmação do Valor*, *Vinculação* e *Integração Social*. Deste modo, os resultados indicam que com o aumento da *Idade* o *Apoio Social Percebido* e as provisões supra mencionadas diminuem. Correlações fracas e negativas encontraram-se para o *Nº de filhos* e o *Apoio Social Percebido*, e o *Nº de filhos* e o *Aconselhamento* e a *Vinculação*. Neste sentido, um maior *Nº de filhos* proporciona um menor *Apoio Social Percebido*, *Aconselhamento* e *Vinculação*. Para a variável *Nível Profissional* verificou-se também com significância correlações negativas fracas com a *Aliança Fiável*, a *Reafirmação de Valor* e a *Integração Social*. Estes resultados sugerem que

para um menor *Nível Profissional* existirá uma menor provisão *Aliança Fiável, Reafirmação de Valor e Integração Social*.

3.4.3. Relações entre as variáveis sócio-demográficas e a Satisfação Com a Vida

No Quadro 13 encontram-se os resultados referentes à análise de significâncias entre as médias encontradas para as variáveis sócio-demográficas e a ESCV.

Na análise que se segue assumiram-se os resultados referentes à homogeneidade de variâncias.

Quadro 13. Resultados dos testes de significâncias referentes a comparações de médias para algumas variáveis sócio-demográficas relativamente à ESCV, através de *t-Student* e ANOVAs a um factor (valores *t* e *F*).

	<i>Gl</i>	<i>ESCV</i>
Sexo (<i>t</i>)	260	1.01
Estado Civil (<i>F</i>)	(2, 253)	2.15
Trabalhar na área de residência (<i>t</i>)	260	-0.80
Localidade de residência (<i>F</i>)	(2, 259)	0.68
Praticante de uma religião (<i>t</i>)	260	-0.28
Não participa em nenhuma actividade na área de residência (<i>t</i>)	260	1.14

** Correlação com significância para $p < 0.01$

* Correlação com significativa para $p < 0.05$

Os resultados obtidos sobre a diferença entre *Sexo, Estado Civil, Trabalhar na área de residência, Praticante de uma religião* e *Não participarem nenhuma actividade na área de residência*, não revelaram ter significância estatística para com a Satisfação Com a Vida.

No Quadro 14 encontram-se os resultados referentes às correlações entre algumas variáveis sócio-demográfica e a ESCV.

Quadro 14. Correlações de Pearson entre a ESCV e variáveis sócio-demográficas.

	ESCV
Idade	-0.04
Escolaridade	0.10
Nº de elementos do agregado	0.00
Nº de filhos	0.03
Nº de filhos que coabitam	0.09
Nível profissional	-0.21**
Tempo de habitação na localidade	-0.07

** Correlação com significância para $p < 0.01$

* Correlação com significativa para $p < 0.05$

No Quadro 14 verifica-se uma correlação com significância e negativa entre a *Satisfação Com a Vida* geral e o *Nível Profissional*. Este resultado indicia que quanto maior a *Satisfação Com a Vida* maior tenderá a ser o *Nível Profissional*.

4. Discussão

Tendo em conta os resultados apresentados no ponto anterior, verifica-se que a relação entre o Sentido de Comunidade e a Satisfação Com a Vida parece ser, de facto, mediada pelo Apoio Social Percebido. Este resultado baseia-se em duas análises. Numa primeira, verificou-se a existência de correlação positiva entre o Sentido de Comunidade e o Apoio Social Percebido, e uma correlação entre o Apoio Social Percebido e Satisfação Com a Vida, tal como no estudo de Moreira e Canaipa (2007). Desta forma, o Apoio Social Percebido é um claro candidato a mediador. Quando efectuada uma análise de maior complexidade, através de equações estruturais, sobre a relação Sentido de Comunidade e Satisfação Com a Vida, verifica-se que questão 1 deste estudo parece ser afirmativa. A mediação proposta é demonstrada pelo facto de a ligação entre o Sentimento de Comunidade e a Satisfação com a Vida não ser significativa, quando está presente o Apoio Social Percebido como variável mediadora no modelo de equações estruturais.

Procurando responder à questão de investigação 2 deste estudo e tendo presente a relação anteriormente proposta procurar-se-á seguidamente compreender as possíveis ligações entre as variáveis principais e as sócio-demográficas⁸.

Na variável Tempo de habitação apenas se encontrou um resultado significativo negativo para a Satisfação de Necessidades. Hoje em dia, pela mobilidade constante de habitação e menor tempo de residência, parecem existir consequências práticas como o facto do indivíduo não sentir as suas necessidades satisfeitas pelo grupo, ou seja, o indivíduo poderá sentir que contribui mais para a comunidade do que aquilo que recebe. Por outro lado, o resultado encontrado para esta variável revela-se diferente do encontrado no estudo de Kasarda e Janowitz, (1974), já que o Sentido de Comunidade não surge fortemente associado ao tempo de habitação. Porém, estes autores afirmam também que no caso onde os indivíduos participavam em actividades sociais formais (e.g., grupos de trabalhadores) tal não se verificava.

No nosso estudo, para o Nível profissional, verificou-se uma relação significativa negativa com as variáveis: Satisfação de Necessidades, Aliança Fiável, Reafirmação de Valor,

⁸ Nas variáveis, Sexo e Estado Civil não se encontraram valores significativos neste estudo o que fará com que não se foque directamente estas variáveis.

Integração Social e Satisfação Com a Vida. Estes resultados indicam que quanto maior for o Nível profissional, maior será a Satisfação de Necessidades, maior a Aliança Fiável, maior a Reafirmação de Valor e maior a Satisfação com Vida. Procurando então compreender todos estes dados, poder-se-á dizer que um maior status poderá indicar a escolha de uma comunidade pelo conjunto de valores, ideias dos seus membros, o que poderá fazer com que o indivíduo se percepcione com maior valorização e conseqüentemente haja uma maior integração social, porporcionando uma satisfação com a sua vida.

Trabalhar na área de residência parece porporcionar um maior Sentido de Comunidade e um maior Apoio Social Percebido. Neste sentido, as pessoas que trabalham na área de residência parecem sentir que contribuem e pertencem à comunidade, existindo uma ligação afectiva, porporcionando-se um reforço sobre o seu papel, tendendo as suas relações a ser percepcionadas como suporte positivo.

A Localidade de residência surge relacionada com o Sentido de Comunidade em geral e todas as suas dimensões. Porém, existem algumas variações semelhantes às encontradas por Prezza e Costantini (1998) que poderão dar algumas pistas de interpretação. Quem habita numa zona rural sente um maior Sentido de Comunidade, maior Pertença e maior Ligação Emocional comparativamente a quem mora nas zonas sub-urbanas. As pessoas que vivem no meio rural sentem igualmente maior Influência⁹, comparativamente às zonas sub-urbanas e urbanas, mas, quem vive nas zonas urbanas sente maior Satisfação de Necessidades. Estes resultados poderão ser justificados da seguinte forma: as comunidades rurais, geralmente comunidades pequenas, permitem a existência de um maior número de laços, sentimentos de pertença, influência e interdependência. Contudo, nas zonas urbanas verificou-se maior Satisfação de Necessidades, talvez por existirem maiores oportunidades para as pessoas escolherem grupos e comunidades, sendo possível optar-se por comunidades cujos valores sejam idênticos aos seus (e.g., sentido de competência), em detrimento de um Sentido de Comunidade geográfico.

Relativamente ao Ser praticante de uma religião, verificou-se que o Sentido de Comunidade é maior, não só na sua globalidade, mas também em todas as suas dimensões. No Apoio Social Percebido verificou-se uma diferença significativa na dimensão Integração Social. Este resultado pode ser justificado da seguinte forma: ser praticante (e.g., ir à missa), pode promover uma identificação forte com um membro da igreja (e.g., o padre). Esta

⁹ Apesar da dimensão Influência ser considerada, relembramos o facto desta ter obtido um baixo valor de consistência interna (valor referente ao alfa de Cronbach).

identificação poderá reforçar o sentido de pertença e ligação emocional à comunidade (e.g., pela mensagem transmitida). A existência de uma satisfação de necessidades, pode também verificar-se, a nível pessoal e comunitário impresso na influência mútua (e.g., redenção de pecados e pequeno contributo monetário para a igreja). Contudo, seria possível prever, de acordo com Obst e Naomi (2009), uma maior Satisfação Com a Vida, o que não se verificou talvez por se ter considerado apenas uma dimensão do bem-estar subjectivo.

Participar numa actividade (e.g., escutismo) na zona onde reside, revelou fomentar o Sentido de Comunidade em todas as suas dimensões exceptuando a Pertença. Esta variável em relação ao Apoio Social Percebido revelou-se significativa em geral e em todas as suas dimensões. Este resultado está de acordo com Wandersman e Gamartino (1980). O Sentido de Comunidade poderá advir de uma percepção favorável à interacção com os vizinhos, sem que exista necessariamente um sentido de pertença. Este resultado parece diferenciar a percepção do sentimento de comunidade, i.e., parece existir percepção de apoio sem que haja um sentimento de pertença, ou um total Sentido de Comunidade.

No que concerne ao Número de elementos do agregado familiar, encontraram-se apenas correlação significativas positiva com o Sentido de Comunidade geral e as dimensões de Pertença e Influência. Este resultado poderá indicar que um maior número de pessoas a coabitar permite um maior Sentido de Comunidade, possivelmente devido a interagirem/pertencerem a um maior número de sistemas na comunidade (e.g., estudar na faculdade; lar de dia onde estão os avós) e conseqüentemente existir uma maior pertença e influência face à comunidade. Este resultado parece apoiar o facto de 63,8% dos inquiridos terem filhos e do agregado familiar ser maioritariamente constituído por quatro (42,2 %) e três elementos (24,4%), com a maioria desses elementos a serem filhos.

No Número de filhos apenas se constatou uma relação significativa negativa entre o Apoio Social Percebido total e o Aconselhamento Fiável e a Reafirmação de valor. Desta forma, o maior número de filhos não parece interferir com o Sentido de Comunidade, mas com a forma como são percebidas as relações, especialmente as relativas a pessoas de confiança, onde se encontre apoio que permita planear uma acção e haja um incentivo, uma valorização pessoal das suas capacidades (e.g., pais, i. e., avós destes filhos).

Para o Número de filhos a coabitar com os pais encontramos valores significativos para o Sentido de Comunidade em geral e para a Influência. Na relação com o Apoio Social Percebido verifica-se uma relação negativa significativa de uma forma global e em particular para o Aconselhamento Fiável e Vinculação.

Desta forma, considerando o que foi mencionado anteriormente, poder-se-á dizer que ter um maior número de filhos a coabitar permite um maior Sentido de Comunidade (tal como no estudo de Obst, Smith e Zinkiewicz, 2002), parecendo dever-se à existência de uma maior interação entre sistemas, tal como no facto de agregado familiar maior. Contudo o apoio percebido é menor, podendo valorizar-se o apoio vindo de figuras próximas (e.g., os avós).

Relativamente à Idade, verifica-se apenas uma correlação significativa negativa com o Apoio Social Percebido de um modo geral e todas as diferentes dimensões, exceptuando a dimensão Oportunidade de Prestação de Cuidados e Aliança Fiável que não se mostrou significativa. Este resultado, parece ser confirmado pelos autores Prezza e Pacilli (2002). Neste estudo os autores indicam que são as pessoas de idade (mais de 66 anos) que percebem menos suporte, confirmando que o ter-se mais idade leva a uma maior falta de relações de suporte, não sendo esta necessariamente a percepção existente para com os familiares.

4.1. Limitações deste estudo

Ao longo deste trabalho foram emergindo alguns aspectos que merecem ser destacados pois podem servir como pontos a considerar para um futuro que contemple os domínios aqui expostos.

a) Definição de comunidade

A importância de uma fronteira sobre o conceito de comunidade revela-se importante, não só ao nível do estudo do Sentido de Comunidade, mas também porque pode influenciar as relações entre Sentido de Comunidade e outras variáveis (Prezza et al., 2001). Diferentes tamanhos e extensões (e.g., internet) de comunidade, assim como diferentes níveis de criminalidade podem funcionar como factores mediadores relevantes para os resultados alcançados.

Os urbanistas e investigadores sociais têm também defendido a ideia de que os aspectos físicos, particularmente o ambiente em que os prédios se inserem, podem influenciar as atitudes e os comportamentos dos residentes. Desta forma, o aspecto físico da comunidade poderá também influenciar o Sentido de Comunidade, o Apoio Social Percebido e a Satisfação Com a Vida.

b) O referencial de análise adoptado

As relações entre as variáveis foram consideradas num modelo linear sendo tratadas de forma aditiva. Por isso, a possibilidade de relacionamentos e/ou interação de outros efeitos não foram considerados, não tendo sido salientada a reciprocidade entre as variáveis.

c) Os instrumentos utilizados

Um dos pontos fortes da *Escala de Satisfação Com a Vida* é o facto de permitir ao sujeito escolher os domínios sobre os quais fará um julgamento, mas este pode também ser considerado como negativo. A escolha de determinadas variáveis em detrimento de outras na altura do preenchimento pode enviesar as respostas.

No questionário referente aos dados sócio-demográficos, a formulação de algumas questões também poderia ser melhorada. Na última questão, por exemplo, podem excluir-se actividades menos “grupais”, como a ida regular ao cabeleireiro, devido às opções apresentadas. A presença de grupos voluntários, dedicados, que procurem favorecer determinadas condições positivas no bairro podem também levar a um maior Sentido de Comunidade, mesmo para aqueles que não participam directamente (Kingston, Mitchell, Stevenson & Florin, 1999). Revelando-se aqui hipóteses que surgem como excluídas e que podem ter um peso significativo nos resultados.

No Nível Profissional, pede-se ao indivíduo que: “Caso esteja desempregado ou dependa financeiramente de outrem (ex: doméstica, estudante) indique o grupo a que pertence essa pessoa.” Deste modo, os dados entre os indivíduos que se inserem efectivamente num grupo e aqueles que dependem de outrem não foram aqui discriminados, podendo comprometer resultados e a sua interpretação.

Também ainda neste questionário, na questão: “Há quanto tempo habita nessa localidade?” poderá fazer com que o inquirido não responda sobre a comunidade onde habita, ou seja, o indivíduo poderá dizer que mora numa localidade rural há 10 anos mas isso pode não significar morar no mesmo bairro à 10 anos.

c) A amostra

Os resultados poderiam ser mais ricos se a amostra caracterizasse plenamente a população portuguesa, o que não foi possível realizar durante este projecto.

5. Conclusão

Este estudo teve por objectivo principal contribuir para a compreensão das relações que o indivíduo estabelece na sua área de residência/bairro/comunidade local, e a função percebida dessas relações para a sua Satisfação Com a Vida. Parece-nos que este objectivo foi alcançado.

Desta forma, verificou-se que para variáveis como o morar numa localidade rural, ser praticante de uma religião, trabalhar na área de residência, participar numa actividade na área de residência, o número de elementos do agregado familiar e o número de filhos que coabitam podem aumentar o Sentido de Comunidade de um modo global. Para além disso, estas variáveis, ser-se praticante de uma religião, trabalhar na área de residência, participar numa actividade na comunidade, número de filhos que coabitam, permitem um aumento de Apoio Social Percebido.

Verificou-se ainda que um Nível Profissional mais elevado, não só se relaciona com as dimensões Satisfação de Necessidades (referente ao Sentido de Comunidade), Reafirmação de Valor e Integração Social (referente ao Apoio Social Percebido), como permite também uma maior Satisfação Com a Vida. Estes dados revelam mudanças na nossa sociedade, pondo em relevância a relação entre a Satisfação de Necessidades no contexto da comunidade e a Satisfação Com a Vida. Neste sentido, parece existir uma relação individual com uma estrutura social escolhida com base em valores e características comuns e que, por isso, podem não se caracterizar por um carácter físico. Estas relações podem providenciar provisões face às vicissitudes que o indivíduo encontra diariamente e que dificilmente conseguiria obter de relações íntimas que se encontram geograficamente mais distantes.

Revela-se então cada vez mais importante atender a um conjunto de relações, que se situam fora dos limites geográficos mas patentes em cada indivíduo, procurando-se a partir daí traçar caminhos. Na compreensão dos benefícios da criação de barreiras, poderá advir o conhecimento face aos malefícios, como sentimentos de rejeição e isolamento que parecem surgir.

A generalização destes resultados é difícil e deve-se enquadrá-los na natureza e realidade portuguesas. Contudo, as questões em análise não deixam de ser um esforço para a compreensão da relação entre o Sentido de Comunidade e a Satisfação Com a Vida. O Sentido de Comunidade revelou a importância dos psicólogos estarem também a par de novas formas de fronteiras e relações, sendo importante manter uma visão interactiva na

vanguarda do nosso pensamento, na utilização de provas e no entendimento do outro enquanto ser relacional. Não ignorando, contudo, a necessidade eminente de existirem definições mais precisas sobre o suporte social e o Sentido de Comunidade, assim como analisar o contexto teórico destas relações, incluindo hipóteses sobre a origem do suporte social e resultados com relevância prática para tornar possíveis intervenções mais robustas na Psicologia Comunitária e áreas adjacentes.

6. Bibliografia

Aquino, J. A., Altmaier, E. M., Russel, D. W. & Cutrona, C. E. (1996). Employment status, social support, and life satisfaction among elderly. *Journal of Counseling Psychology, 43*, 480-489.

Arbuckle, J. L. (2007). *AMOS 16.0 User's Guide*. Chicago: Amos Development Corporation.

Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology, 61*, 226-244.

Besser, A. & Priel, B. (2007). Perceived social support, malevolent, maternal representations, and older adult's depressed mood. *Journal of Social and Clinical Psychology, 26*, 728-750.

Brodsky, A. E. (1996). Resilient singel motheres in risky neighborhood: negative psychological sense of community. *Journal of Community Psychology, 24*, 347-363.

Butt, D. S. & Beiser, M. (1987). Sucessful Aging: a theme for international sychology. *Psychology and Anging, 1*, 87-94.

Chipuer, H. M. & Pretty, G. M. H. (1999). A review of the sense of community index: current uses, factor, structure, reliability, and further development. *Journal of Community Psychology, 27*, 643-658.

Cohen, S. (2004). Social Relationships and health. *American Psychology, 67*, 676-684.

Cutrona, C. E., & Russell, D. (1987). The provisions of social relationships and adptation to stress. In W. H. Jones & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 1, pp- 37-67). Greenwich: JAI Press.

Davidson, W. B. & Cotter, P. R. (1991). The relationship between sense of community and subjective well-being: a first look. *Journal of Community Psychology, 19*, 246-253.

Diener, E., (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin, 95*, 542-575.

Diener, E. Emmons, R. A., Larson, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment, 49*, 1.

Diener, E., Suh, E. M, Lucas, R. E. & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: three decades of progress. *Psychological Bulletin, 125*, 276-302.

Ellison, C. G., Gay, D. A. & Glass, T. A. (1989). Does religious commitment contribute to individual life satisfaction? *Social Forces*, 68, 100-123.

Heller, D., Watson, D. & Illies, R. (2006) The dynamic process of life satisfaction. *Journal of Personality*, 74, 1421-1450.

Hill, J. L. (1996). Psychological sense of community: suggestions for future research. *Journal of Community Psychology*, 24, 431-438.

Kasarda, J. D. & Janowitz, M. (1974). Community attachment in mass society. *American Sociological Review*, 39, 328-339.

Kingston, S., Mitchell, R., Florin, P. & Stevenson, J. (1999). Sense of community in neighborhoods as a multi-level construct. *Journal of Community Psychology*, 27, 681-694

Levy, K. N., Blatt, S. J., & Shaver, P. R. (1998). Attachment styles and parental representation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 407-419.

Mannarini, T. & Fedi, A. (2009). Multiple senses of community: the experience and meaning of community. *Journal of community psychology*, 37, 211-227.

Marante, L. (no prelo). Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

McMillan, D. W., & Chavis, D. M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *American Journal of Community Psychology*, 14(1), 6-23.

Moreira, J. M. (2002). *Altera pars auditur: The dual influence of the quality of relationships upon positive and negative aspects of coping with stress* [A influência dual da qualidade das relações sobre os aspectos positivos e negativos da forma de lidar com o stress]. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade de Lisboa, Portugal.

Moreira, J. & Canaipa, R. (2007). Escala de provisões sociais: desenvolvimento e validação da versão portuguesa da “Social Provision Scale”. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 2, 24.

Neto, F., Barros, J., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida et al. (Eds.). *A acção educativa: análise psicossocial* (pp. 105-117). Leiria: ESEL/APPORT.

Obst, P. & Naomi, T. (2009). Helping the soul: the relationship between connectivity and well-being within a church community. *Journal of community psychology*, 37, 342-361.

Obst, P., Smith, S. G., & Zinkiewicz, L. (2002). An exploration of sense of community, part 3: dimensions and predictors of psychological sense of community in geographical communities. *Journal of community psychology*, 30, 119-133.

Pavot, W. & Diener, E. (1993). Review of the satisfaction with life scale. *Psychological Assessment, 2*, 164-172.

Pavot, W. & Diener, E. (2008). The satisfaction with life scale and emerging construct of life satisfaction. *The Journal of Positive Psychology, 3*, 137-152.

Perloiro, F. (2002). *Padrões de Optimismo e satisfação com a vida em famílias portuguesas*. Tese de Mestrado de Comunicação em Saúde: Universidade Aberta.

Peterson, N. A., Speer, P. W. & McMillan, D. W. (2008). Validation of brief sense of community scale: confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology, 36*, 61-73.

Pretty, G. M. H., Conroy, C. Dugay, J., Fowler, D. & Williams D. (1996). Sense of community and its relevance to adolescents of all ages. *Journal of Community Psychology, 24*, 365-379.

Prezza, M., Amici, M. Roberti, T. & Tedeschi, G. (2001). Sense of community referred to whole town: its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction and area of residence. *Journal of community psychology, 29*, 29-52.

Prezza, M., & Costantini, S. (1998). Sense of community and life satisfaction: investigation in three different territorial contexts. *Journal of community & applied social psychology, 8*, 181-194.

Prezza, M. & Pacilli, M. G. (2002). Perceived social support from significant others, family and friends and several socio-demographic characteristics. *Journal of Community & Applied Social Psychology, 12*, 422-429.

Prezza, M., Pacilli, M. G., Barbaranelli, C. & Zampatti, E. (2009). The MTSOCS: a multidimensional sense of community scale for local communities. *Journal of community psychology, 37*, 305-326.

Puddifoot, J. E. (1996). Some initial considerations in measurement of community identity. *Journal of community psychology, 24*, 327-336.

Royal, M., & Rossi, R. (1996). Individual-level correlates of sense of community: findings from workplace and school. *Journal of Community Psychology, 24*, 395 – 416.

Russell, D., Altmaier, E., & Van Velzen, D. (1987). Job-related stress, social support, and burnout among classroom teachers. *Journal of Applied Psychology, 72*, 269-274.

Russell, D. W., Booth, B., Reed, D., & Laughlin, P. R. (1997). Personality, social networks, and perceived social support among alcoholics: A structural equation analysis. *Journal of Personality, 65*, 649-692.

Veiel, H. O. F., & Baumann, U. (1999). The many meanings of social support. In H. O. F. Veiel, & U. Baumann (Eds.), *The meaning and measurement of social support* (pp. 1–9).

Vidal, S. A. (1991). *Psicología Comunitaria: bases conceptuales y operativas – métodos de intervención*. Barcelona: PPU.

Wandersman, A. & Gamartino, G. A. (1980). Community and individual difference characteristics as influences on initial participation. *American Journal of Psychology*, 8, 217-228.

ANEXOS

Anexo I
Termo de Consentimento Informado

Termo de Consentimento Informado

A sua participação nestes dois estudos do Mestrado Integrado em Psicologia, consiste em completar vários questionários relacionados com os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos.

No envelope que foi fornecido à pessoa responsável pela aplicação dos questionários encontram-se:

1. Este termo de consentimento informado. Depois de o ler, deve assiná-lo e entregá-lo à pessoa responsável pela aplicação.
2. Os questionários usados para a recolha de dados para o estudo. Depois de ler e assinar este termo de consentimento informado que permite aos investigadores confirmar que a sua participação foi voluntária, pode começar a preencher os questionários.
3. Depois de ter terminado de preencher os questionários, coloque-os dentro do envelope e feche-o, de modo a manter as suas respostas confidenciais.

A duração esperada de participação é aproximadamente 20 minutos.

1. A sua participação é *completamente* voluntária.
2. As respostas às perguntas em todos os questionários manter-se-ão *anónimas*. Não haverá *nenhuma informação identificável* incluída nos questionários.
3. Não existem desconfortos ou riscos conhecidos por participar neste estudo.

Se quiser algum esclarecimento sobre este estudo, por favor contacte Ana Gonçalves ou Liliana Marante, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, pelos e-mails cataiina.goncalves@gmail.com, marante.liliana@gmail.com ou pelos telefones 918497589, 916460526 respectivamente.

Ao assinar, declaro que tenho 18 anos de idade ou mais, que li e entendi a declaração acima, e que concordo participar neste estudo.

Rubrica do participante _____

Data ____/____/____

Responsável pela aplicação (nome) _____

(assinatura) _____

**NÃO COLOQUE ESTA FOLHA DENTRO DO ENVELOPE COM OS
QUESTIONÁRIOS. ENTREGUE-A SEPARADAMENTE.**

Ana Catarina Gonçalves

Telémovel: 91 849 75 89

E-mail: cataiina.goncalves@gmail.com

Liliana Marante

Telémovel: 916460526

E-mail: marante.liliana@gmail.com

Anexo II
Questionário sócio-demográfico

Questionário sócio-demográfico

É muito importante que leia atentamente e **responda individualmente a todas as questões de todos os questionários**. Deixar questões em branco inutiliza todos os questionários. Não existem respostas certas nem erradas, o que interessa é o que pensa e sente realmente.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Idade:

2. Sexo:

Feminino Masculino

3. Nacionalidade:

4. Estado Civil:

Solteiro União de Facto Casado Separado Divorciado Viúvo

5. Indique o nível de escolaridade mais elevado que completou:

Menos que o 9º ano ou equivalente 9º ano ou equivalente 12º ano ou equivalente
 Ensino superior Mestr. / Dout.

6. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos?

7. Quantos filhos tem?

0 ___; 1 ___; 2 ___; 3 ___; 4 ou mais ___;

7.1. Se respondeu como tendo filhos, indique o nº de filhos que coabitam consigo e que têm as idades compreendidas entre:

(0-2 anos) _____ (3-5 anos) _____ (6-10 anos) _____ (11-18 anos) _____ (>18 anos) _____

8. Indique apenas um grupo onde se enquadra a sua profissão. Caso esteja desempregado ou dependa financeiramente de outrem (ex: doméstica, estudante) indique o grupo a que pertence essa pessoa.

- Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).
- Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas).
- Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio).
- Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares).
- Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).
- Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca).
- Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares).
- Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem).
- Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).

8.1. Trabalha na área de residência, bairro ou comunidade local em que habita?

Sim Não

9. Indique em que Distrito ou Região Autónoma habita.

Aveiro Bragança Évora Leiria Porto Viana do Castelo Madeira
 Beja Castelo Branco Faro Lisboa Santarém Vila Real Açores
 Braga Coimbra Guarda Portalegre Setúbal Viseu

9.1. Indique a sua localidade de residência:

Urbano Suburbano Rural

10. Há quanto tempo habita nessa localidade?

10.1. Religião:

Católica Sem religião Outra Qual? _____

11.1. É praticante?

Sim Não

12. Em que actividades participa na sua área de residência/bairro/comunidade local?

Voluntariado Actividades Desportivas Escuteiros Actividades relacionadas com a sua religião
 Actividades de lazer Nenhuma Outra. Qual(ais)? _____

Anexo III

Esclarecimento sobre o estudo

Esclarecimento sobre o estudo

Esta folha é para si.

Agradecemos que a leia e, se quiser, pode guardá-la para referência futura.

Obrigada por participar neste estudo. A sua participação é muito importante para nós.

Os estudos que se inserem no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, têm por objectivos estudar a Percepção do Suporte Social, o Sentimento Comunitário e a Satisfação com a Vida. Neste sentido procura-se compreender a relação entre estes conceitos e os factores influentes, de modo a podermos contribuir para que ocorram intervenções futuras mais adequadas a nível comunitário.

As respostas a todas as partes dos questionários manter-se-ão completamente confidenciais e anónimas. Se quiser algum esclarecimento relativamente a este estudo, por favor contacte Ana Gonçalves e Liliana Marante, pelos e-mails cataiina.goncalves@gmail.com, marante.liliana@gmail.com ou pelos telefones 918497589 e 916460526 respectivamente.

Ana Catarina Gonçalves

Telémovel: 91 849 75 89

E-mail: cataiina.goncalves@gmail.com

Liliana Marante

Telémovel: 916460526

E-mail: marante.liliana@gmail.com